



SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO



Missão

Promover um ensino que permita o desenvolvimento do indivíduo de modo integral, visando sua autonomia intelectual e a autorrealização, formando profissionais críticos e reflexivos com visão generalista e multidisciplinar, conscientes de seu papel social.”



Valores

A confiança, sensibilidade, flexão, justiça, honestidade, autodesenvolvimento, respeito ao próximo e percepção, empatia, descentralização e nobreza de espírito.”



Visão de futuro

Ser uma Instituição de Ensino Superior (IES) reconhecida pela excelência nos serviços educacionais, meios para que a sua comunidade acadêmica realize, em sua plenitude, as legítimas aspirações da pessoa humana, atuando em perfeita sintonia com a sociedade apoiada em valores éticos inalienáveis, buscando sempre a racionalização de recursos e a otimização de resultados, comprometida com as transformações do seu tempo.

Princípios institucionais

- ✿ Ética, consciente de sua responsabilidade social e compromissada com os valores de justiça, igualdade e fraternidade;
- ✿ Atuante no resgate da cidadania, na formação do cidadão como ser ético e político, consciente de suas responsabilidades, de seus direitos e deveres;
- ✿ Aglutinadora, aberta a todo o saber, crítica, criativa e competente;
- ✿ Comprometida com resultados;
- ✿ Aberta a parcerias e alianças com outras instituições, objetivando desenvolver programas de integração;

Sobre a Autor:**Ivan Bim Requena****FORMAÇÃO ACADÊMICA**

Graduado em Administração pela UNICESUMAR; Pós-graduado em Administração e em Recursos Humanos pela SPEI; em Metodologia do Ensino Superior pela UNIR e em Gestão Estratégica de Pessoas pela Unifatecie; Mestre em Engenharia de Produção/Gestão de Negócios pela UFSC e Doutor em Ciências da Educação/Gestão de Pessoas pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales-FICS, Assunción, da qual foi docente *stricto sensu*. Já atuou como coordenador de cursos de graduação, por 20 anos e também, nesse período, como diretor Administrativo, Acadêmico e Geral de instituições de ensino superior. Como última ocupação profissional foi coordenador geral de educação a distância da UNIFACEAR, docente em disciplinas da área de gestão organizacional e orientador de TCC em cursos de graduação e pós-graduação. Tem experiência na área de Administração com ênfase em Gestão Estratégica de Pessoas. Escritor, palestrante e instrutor na área de Marketing Pessoal e Oratória. Membro do Grupo de Pesquisa CNPQ "A Polissemia da Ação Humana - Uma abordagem filosófica das múltiplas relações constitutivas da condição humana", liderado pelo Prof. Dr. Washington Luiz Martins da Silva, PhD. É empresário, consultor autônomo, em Educação Superior.

APRESENTAÇÃO

A presente apostila destina-se aos alunos do curso de Teologia da Faculdade Malta - FACMA. O líder espiritual de grupos cristãos deve ter plena ciência dos fatos relacionados à presença da igreja nas suas respectivas comunidades, sendo isto uma influência social na mesma, ou seja, há uma “sociologia” envolvida na implantação de uma igreja em determinado local, bem como também por sua própria expansão.

A presente pesquisa divide-se em quatro capítulos, destinando-se cada um deles, a fornecer subsídios suficientes para a realização das quatro unidades da disciplina de Sociologia da Religião do presente curso. Além do mais, serão indicadas outras fontes de conhecimento relacionados ao tema principal, como links de vídeos e de textos complementares, os quais enriquecerão ainda mais os estudos a serem realizados.

Há necessidade de que todas as pessoas que assumem algum tipo de liderança, tenham conhecimentos suficientes sobre os fenômenos sociológicos ali envolvidos. Todas as relações internas e externas da comunidade significarão transformações sociais locais e regionais e, em alguns casos, nacionais e globais. Com isto, faz-se necessário que você, teologando, se aprofunde nesses conceitos tão relevantes, não só para sua formação, bem como para suas futuras práticas enquanto líder espiritual de pessoas e famílias. E é justamente nesta linha de raciocínio que o presente texto irá trabalhar.

Como Geertz (2020) observa, "a religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas motivações e direções na vida humana". Essa perspectiva nos convida a explorar como as crenças religiosas moldam identidades e práticas sociais.

Compreenda-se, nas reflexões, nos estudos e nos conceitos constantes deste material, que através da Sociologia, podemos sim construir contextos, alterar comportamentos, conquistar liderados, etc., consolidando a comunidade cristã a ser liderada de forma bastante segura e, acima de tudo, sagrada.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
UNIDADE 1: PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA DE ABORDAGEM DO FENÔMENO RELIGIOSO	9
1.1.1 Definições e objetivos das Ciências Sociais	12
1.1.2 Definições e objetivos da Antropologia	14
1.2.1 Émile Durkheim	16
1.2.2 Max Weber	17
1.2.3 Karl Marx	18
1.3.1 Principais religiões e suas características	24
1.3.2 Impacto da religião nas sociedades antigas	28
INDICAÇÃO DE VÍDEOS	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
HORA DE REVISAR	32
REFERÊNCIAS	34
UNIDADE 2: SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO NA CONTEMPORANEIDADE	35
2.1.1 Funções Sociais da Religião na Comunidade	36
2.1.2 Religião na Identidade Cultural	40
2.2 RELIGIOSIDADE E INDIVÍDUOS	42
2.2.1 Experiências pessoais de fé e espiritualidade	43
2.2.2 A influência da religião nas relações interpessoais	44
2.2.3 A prática religiosa e o comportamento social	46
INDICAÇÃO DE VÍDEOS	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
HORA DE REVISAR	49
REFERÊNCIAS	51
UNIDADE 3: CIÊNCIA, RELIGIÃO E SOCIEDADE	52
3.1.1 A Religião nas instituições educacionais	53
3.1.2 O Papel da religião na sociedade moderna	55
3.1.3 Religião e política: conflitos e colaborações	57
3.2.1 As proposituras da “Era Axial”	59
3.2.2 Tensionamentos entre ciência e crenças religiosas	62
3.2.3 A contribuição da ciência para a compreensão religiosa	64
3.2.4 Diálogos contemporâneos entre ciência e religião	66
INDICAÇÃO DE VÍDEOS	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
HORA DE REVISAR	68

REFERÊNCIAS	70
UNIDADE 4: DIVERSIDADE CULTURAL E RELIGIOSA NO BRASIL – NUANCES RELIGIOSAS E SOCIOLÓGICAS	71
4.1.1 Definindo cultura	71
4.1.2 Composição da cultura.....	74
4.1.3 Caracterizando a cultura	78
4.2 MOVIMENTOS RELIGIOSOS NO BRASIL	80
4.2.1 Estatísticas dos movimentos religiosos brasileiros.....	81
4.2.2 Igreja católica e movimento carismático	82
4.2.3 Breve contextualização da igreja evangélica no Brasil	84
4.2.5 Os “sem-religião”	89
INDICAÇÃO DE VÍDEOS	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
HORA DE REVISAR.....	92
REFERÊNCIAS	93

INTRODUÇÃO

A religião é um fenômeno social e cultural, contudo, sua forma e suas características são diferentes dependendo do contexto em que surgem e que se desenvolvem. A sociologia é uma ciência aplicada que procura entender os fenômenos sociais e, com isso, tem na religião e na religiosidade um objeto de estudo valioso para analisar e compreender as relações entre os indivíduos e as instituições sociais.

Pretende-se, pelas pesquisas e estudos ora realizados, alcançar os objetivos estabelecidos para a disciplina, compreender a religião como fenômeno social, analisando como a religião se manifesta na sociedade, suas estruturas, práticas e símbolos, e como ela influencia a vida individual e coletiva. O presente material pretende, ainda, estudar as principais teorias sociológicas sobre a religião, pelo exame de abordagens de autores consagrados, comparando suas perspectivas sobre a função da religião na sociedade e sua relação com a modernidade.

O texto principal vai analisar a diversidade religiosa, através da exploração das diferentes expressões religiosas existentes no Brasil e no mundo, suas características, crenças, rituais e a forma como se relacionam com a sociedade, fazendo ainda uma investigação da relação entre religião e outros

aspectos sociais, verificando-se como a religião interage com questões como política, cultura, gênero, classe social e movimentos sociais.

Pretende-se ainda, refletir sobre o papel da religião na sociedade contemporânea, sobre as grandes religiões, as religiões no Brasil, bem como religião, política, cultura, identidade e conflitos.

No primeiro capítulo, pretende-se abordar os fundamentos da sociologia e da antropologia, bem como da história e formação da religiosidade, em si, passando por autores consagrados que trazem contribuições significativas para esse tema tão relevante que é o da Sociologia da Religião e seus desdobramentos enquanto ciência que estuda a constituição social da humanidade em suas mais variadas expressões.

Na sequência, já no capítulo 2, serão abordados assuntos como a contemporaneidade do fenômeno religioso, da perspectiva sociológica, passando pela religião como fenômeno social, propriamente dito, bem como tratando dos fatores religiosos relacionados ao indivíduo, como suas experiências de fé, os efeitos nas relações interpessoais, bem como o trato comportamental a partir da religião.

Indo para o capítulo 3, serão trabalhados temas como a religião e as instituições sociais como escolas e demais organizações afins. Também será analisado o próprio papel das igrejas na sociedade, inclusive na dimensão da política e suas estruturas governamentais. Esse capítulo buscará, ainda, verificar o entrelaçamento existente entre ciência e religião (conflitos e convergências), e respectivos diálogos contemporâneos.

Concluindo a presente obra, o quarto capítulo tratará da diversidade cultural e religiosa no Brasil, tratando dos fundamentos da nossa formação cultural, bem como os principais movimentos religiosos do país. Será abordado, também, o fenômeno religioso nas cidades e as implicações sociais dos mesmos.

UNIDADE 1: PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA DE ABORDAGEM DO FENÔMENO RELIGIOSO

1.1 FUNDAMENTOS DA SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

Como é formada a sociedade humana, com todas as suas dimensões e nuances interativas do ponto de vista da sociabilidade? Como são suas bases e como é ela organizada? Quais as dinâmicas de mudanças que ocorrem na sociedade com o passar do tempo, e como os indivíduos, de modo geral se relacionam no convívio social? Qual o papel das instituições em geral, no monitoramento e regulação do comportamento humano? As respostas para todas essas perguntas estão na ciência da Sociologia.

Sim, desde as interações sociais entre dois indivíduos, até as grandes e complexas dinâmicas sociais globais, como por exemplo a composição e fluência das classes sociais, as inovações tecnológicas e culturais, são objeto direto de estudo da Sociologia.

O foco mais específico dos estudos científicos da Sociologia engloba os grupos familiares, os relacionamentos de amizade e de coleguismo no trabalho e demais comunidades sociais; aborda ainda as instituições educacionais, governamentais, religiosas, bem como os desdobramentos naturais do processo econômico e midiático; acompanha de perto os fenômenos sociais mais gritantes como as desigualdades, o preconceito e as discriminações, a violência, a

pobreza e a miséria, as migrações, chegando até mesmo ao fenômeno da globalização.

A Sociologia vai ainda estudar comportamentos gerais coletivos e individuais, relacionados a manifestações gerais de protestos, dinâmica das modas e das fobias e a dimensão cultural envolvida nas sociedades em geral, como as regras normatizadoras, os valores e as crenças vigentes e em transformação, toda simbologia e as línguas e ou dialetos prevaescentes.

De acordo com Tomazi (2016),

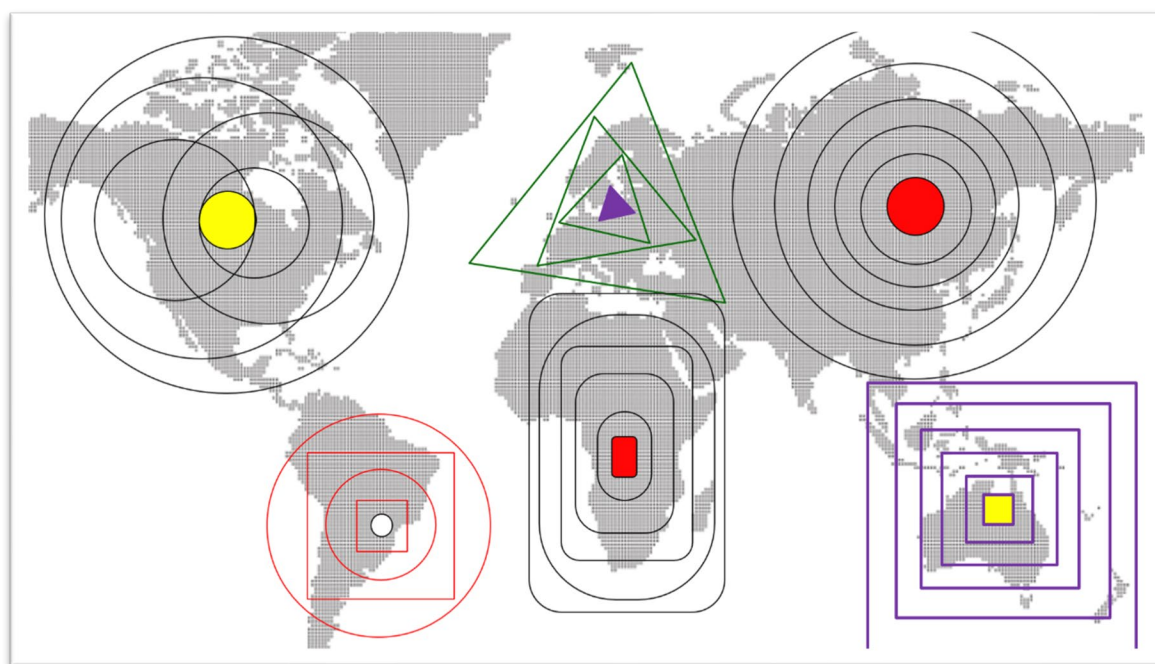
A Sociologia ajuda a entender melhor essas e outras questões que envolvem o cotidiano, percorrendo problemas de caráter individual e coletivo, assim como temas relacionados com as sociedades próximas e distantes. O fundamental da Sociologia, porém, é fornecer conceitos e ferramentas para analisar as questões sociais e individuais de um modo mais sistemático e consistente, indo além do senso comum. TOMAZI, (2016, p.9)

Assim, o autor enfatiza que os estudos científicos sociológicos trazem uma melhor compreensão da vida social humana (visão de mundo), contribuindo para os ajustes que se fizerem necessários nesse trajeto existencial das sociedades, desenvolvendo as pessoas, individualmente ou em coletividade, questionar a estruturação e o senso comum vigentes, ampliando a visão da realidade como um todo. Além disto, pelas proposituras da Sociologia, as pessoas receberão informações devidamente tratadas e suficientes, para que suas escolhas e decisões sejam o mais acertadas possível, estando mais conscientes das respectivas consequências das mesmas. Com isto, todos podem contribuir para as mudanças que se fizerem necessárias, tendo sempre em vista, a melhoria da qualidade de vida em sociedade. Em suma, pela Sociologia, somos todos convidados a lançar um olhar mais amplo sobre a existência individual e coletiva, com a finalidade de se moldar a vida e o mundo de modo que se torne um ambiente mais salutar e promissor.

Já a ciência da Antropologia, o estudo científico se dá sobre o próprio homem -> Antropos = homo/humano/homem, e Logia = estudo/tratado, ou seja, o estudo do homem, do ser humano. É uma ciência que tem foco na pesquisa

sobre a cultura humana, investigando origens e desenvolvimento das coletividades humanas no transcorrer de todo tempo. Em outras palavras, a Antropologia busca respostas para o entendimento de quem e o que somos, a partir da comparação (espelho) com o outro.

A imagem a seguir pretende mostrar dinâmicas distintas das sociedades globais, em termos de sua construção, expansão e desenvolvimento sociocultural.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

A ideia é apresentar uma visualização da dinâmica das sociedades se desenvolvendo através do tempo e do espaço, contendo seus construtos, significados, semelhanças e diferenças. As linhas e desenhos indicam essas diferenças, mas também com algumas semelhanças, como o ponto central colorido em todas, ou seja, há sim muitas diferenças, mas também há algumas semelhanças entre os povos e suas respectivas sociedades.

A antropologia física ou biológica, estuda as características físicas e variações na anatomia da fisiologia humana, como sendo efeitos de dimensões como clima, geografia, alimentação, bio-história, etc. Já a antropologia social ou cultural se baseia nas crenças, ideologias e nos princípios e valores constitutivos

da sociedade em estudo, fazendo um detalhamento máximo do ser humano e das suas relações com a sociedade.

Laplantine (2003, p.14), salienta que: “A antropologia não é apenas o estudo de tudo que compõe uma sociedade. Ela é o estudo de todas as sociedades humanas, ou seja, das culturas da humanidade como um todo, em suas diversidades históricas e geográficas”.



Abordagens mais amplas sobre Sociologia e Antropologia, serão realizadas nos dois próximos subtópicos.

1.1.1 Definições e objetivos das Ciências Sociais

Avançando em nossas considerações sobre a Sociologia, ampliemos essa conceituação, entendendo, inicialmente, que as Ciências Sociais são uma abordagem grandemente ampla sobre a humanidade enquanto grupos coletivos com suas diversidades multidimensionais. As Ciências Sociais compreendem várias disciplinas, as quais propiciam, então, essa visão mais plena do contexto humano, com foco nas interações e trocas, bem como no desenvolvimento social e as respectivas transformações gerais. Diferentemente das ciências naturais, que se debruçam nos aspectos físicos e biológicos, as ciências sociais focam as características relacionadas às complexidades das interações, instituições, culturas e fenômenos sociais que moldam a existência humana. Nesse caso, destaca-se a Sociologia como uma das principais disciplinas a compor as Ciências Sociais.

São as seguintes, as disciplinas de maior destaque, que compõem as Ciências Sociais:

- a. Sociologia: Pesquisa a dinâmica dos relacionamentos sociais, com a formação das respectivas estruturas em grupos, instituições e problemáticas a isto pertinentes, bem como as respectivas mudanças e transformações.
- b. Antropologia: Tem como foco principal de pesquisas a diversidade cultural da humanidade, desde suas origens, passando pelas evoluções culturais de seus valores e costumes, suas manifestações de crenças e respectivos processos ritualísticos, suas linguagens e dialetos, nas diferentes sociedades.
- c. Ciência Política: Realiza estudos aprofundados nas questões governamentais, estruturas políticas de poder, ideologias, dinâmicas internacionais, bem como bases para decisões que afetam as respectivas comunidades governadas.

As Ciências Sociais englobam, ainda, a Economia, o Direito, a Geografia Humana, a Psicologia Social, a História e a Filosofia Social, por terem amplos relacionamentos conceituais que lhes são comuns.

Assim, as Ciências Sociais, pretendem, por meio de suas disciplinas, possibilitar explicações e uma ampla compreensão da sociedade, em si; promover a identificação dos padrões e tendências sociais; fazer análises profundas de toda problemática social; incentivar o pensamento crítico, promovendo as necessárias reflexões na sociedade quanto às condições vigentes; informar políticas públicas e respectivas intervenções sociais; gerar saberes quanto às variedades humanas e colaborar para que o senso de cidadania e democracia seja mais consolidado.

Enfim, as Ciências Sociais disponibilizam os ferramentais de conceitos e métodos para que sejam esclarecidos os complexos emaranhados da vida humana em sociedade, ampliando o entendimento geral de mundo.

1.1.2 Definições e objetivos da Antropologia

Como já salientado anteriormente, a Antropologia tem como foco de estudos, a compreensão do todo da experiência humana, realizando uma aproximação mais transcendente, holística e comparativa das multivariadas “existências” humanas no decorrer da história. Assim, a Antropologia, para apresentar as soluções a que se propõe, faz as seguintes abordagens científicas:

- a. Elementos biológicos, estudando o desenvolvimento geral do ser humano, principalmente em sua caracterização física e genética.
- b. Componentes sociais, pelos quais investiga os modelos em que se organizam as sociedades; como se dão os relacionamentos individuais e dos indivíduos com suas coletividades; como se estruturam e desenvolvem as principais instituições humanas, como a família, a política e a religião que, inclusive, é o principal foco dos estudos desse material.
- c. Constituintes e construtos culturais, através dos quais faz uma análise científica das crenças, dos valores, dos costumes, das línguas e dialetos, da arte, dos rituais e de todas as manifestações simbólicas que caracterizam uma determinada sociedade.
- d. Elementos históricos, explorando os caminhos da humanidade, no transcorrer de todo tempo, desde o mais remoto passado, até a contemporaneidade humana.

Os objetivos da Antropologia são claros: trazer compreensão satisfatória sobre a diversidade humana; derrubar os efeitos nocivos do etnocentrismo (julgar outras sociedades com base em nossos valores e padrões existenciais); estudar as origens e o desenvolvimento humano ao longo do tempo; promover conexões e diálogos interculturais e incentivar a reflexão quanto às condições gerais da humanidade e em como entender a significação existencial do ser humano.

Resumindo, temos que a Antropologia é aquela ciência que traz o entendimento de quem somos, quais nossas origens, e como nos organizamos e nos expressamos em nossas multifacetadas culturas. Assim, a Antropologia é

uma ciência que nos convida a olhar para o "outro" para, paradoxalmente, compreender melhor a nós mesmos, expandindo nossa visão de mundo e promovendo a tolerância e o respeito às diferenças.

1.2 AUTORES CONSAGRADOS EM SOCIOLOGIA E RELIGIÃO

Vários são os grandes autores que se dedicaram à produção literária sobre Sociologia e religião. No entanto alguns nomes ganharam destaque na história, em função do grau de profundidade e amplitude em que seus escritos foram produzidos e a força com que influenciaram gerações subsequentes.

Inicialmente, pode-se citar, com toda segurança, o nome de Émile Durkheim (1858-1917), a ser tratado no subtópico seguinte. Durkheim foi um sociólogo, antropólogo, cientista político, psicólogo social e filósofo francês. Considerado o pai da sociologia, formalmente tornou-a uma disciplina acadêmica. Durkheim é citado como um dos principais arquitetos da ciência social moderna.

Outro nome que não pode deixar de fazer parte dessa lista de intelectuais da sociologia e da religião é o de Max Weber (nascido no Reino da Prússia em 1864, vindo a falecer em 1920). É considerado um dos fundadores do estudo moderno da sociologia, sendo que sua influência também pode ser constatada na economia, na filosofia, no direito, na ciência política e na administração. Atuou profissionalmente em diversas universidades alemãs, tendo contribuído, inclusive, na elaboração do Tratado de Versalhes.

Karl Marx (Alemanha, 1818-1883) surge, também, como um nome de destaque nas Ciências Sociais. O pensamento político e filosófico de Marx teve uma enorme influência na história intelectual, econômica e política subsequente. O seu nome tem sido usado como adjetivo, substantivo e escola de teoria social. Marxismo, por exemplo, traz essa origem.

Segundo Machado (2016), "A introdução ao pensamento de Durkheim, Weber e Marx é de fundamental importância, pois foi com base em suas obras que a Sociologia se constituiu como disciplina científica distinta das Ciências da Natureza e das Ciências Exatas".

Mas há ainda outros nomes de relevância na produção intelectual da Sociologia e da religião, dentre os quais pode-se citar, ainda:

- a. Georg Simmel (1858-1918)
- b. Marcel Mauss (1872-1950)
- c. Peter L. Berger (1929-2017)
- d. Thomas Luckmann (1928-2016)
- e. Danièle Hervieu-Léger (1947-)
- f. José Casanova (1950-)
- g. Reginaldo Prandi (1944-)
- h. Antônio Flávio Pierucci (1944-2018)

O estudo desses autores proporciona um embasamento sólido, para a compreensão mais ampla da diversidade econômica, política, cultural e religiosa, enquanto fenômeno social, desde suas origens e funções até suas transformações na era contemporânea.

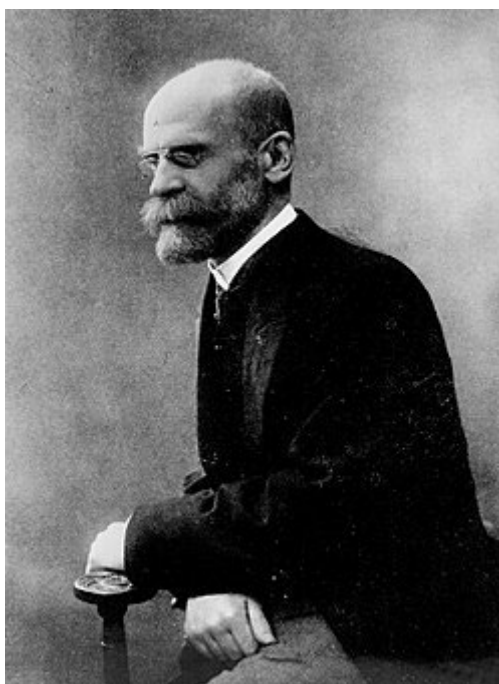
1.2.1 Émile Durkheim

Émile Durkheim (1858-1917), consta da seleta lista de fundadores da Sociologia, sendo que em seus trabalhos fez relevantes abordagens à religião, como sendo um fator preponderante na junção/integração da sociedade como um todo. Ele via a religião como uma projeção da própria sociedade, onde os movimentos religiosos de adoração e rituais seriam uma demonstração da força de coesão/unidade daquela comunidade em torno dos seus “objetos” de adoração.

Nessa linha de produção científica, Durkheim apresenta, como sua obra mais conhecida sobre essa temática: “As Formas Elementares da Vida Religiosa”, na qual o autor faz uma aplicação da simbologia adotada no totemismo australiano, à religiosidade das demais sociedades, no que diz respeito ao significado espiritual e simbólico dos tótems adotados naquela sociedade, como seus símbolos e valores religiosos. Durkheim via nos rituais e

símbolos religiosos a capacidade de gerar "efervescência coletiva", fortalecendo os laços sociais.

Para Durkheim, o trabalho do sociólogo deve visar, principalmente, a identificação dos **fatos sociais**, sendo que as causas destes têm origem em outros fatos sociais e não em características psicológicas ou biológicas dos indivíduos. Sua obra "As Regras do Método Sociológico" (1895) é um manifesto para a sociologia como ciência rigorosa e objetiva.



Émile Durkheim

1.2.2 Max Weber

Max Weber (1864-1920), é outro grandioso expoente da sociologia, tendo dedicado a maior parte de suas produções científicas ao estudo de comparação entre as religiões e suas relações com o desenvolvimento econômico e social. O grande interesse de Weber, com suas pesquisas e publicações, era esclarecer como as cosmovisões religiosas (especialmente as éticas religiosas) moldavam as ações individuais e coletivas e, conseqüentemente, as estruturas sociais. Em sua obra inovadora: "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo", o autor traz argumentos quanto à influência do ascetismo protestante (calvinismo,

puritanismo) na formação da mentalidade capitalista. Outras obras literárias do autor transitavam amplamente sobre a religiosidade chinesa, indiana e judaica antiga.

Weber convida a todos para que alcancem um entendimento mais satisfatório quanto à complexidade das interações sociais, bem como no que diz respeito à dinâmica do poder (conceito de dominação: tradicional, carismática e legal-racional). Outra ênfase sua, é a compreensão de que as consequências das ações humanas na construção do mundo moderno, nem sempre são intencionais.



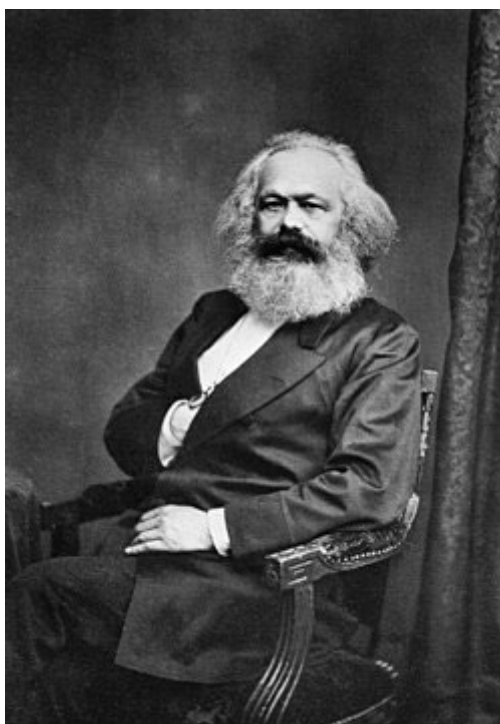
Max Weber

1.2.3 Karl Marx

No caso de Karl Marx (1818-1883), não houve uma dedicação exclusiva dos seus estudos, para com a sociologia, como no caso de Durkheim e Weber. Suas concepções sobre religião também influenciaram significativamente as sociedades do seu tempo e posteriores. A superestrutura ideológica da sociedade tem como parte integrante e indissociável, a religião, que serve para legitimar as relações de poder e as desigualdades sociais. Em uma das suas

mais memoráveis frases: "a religião é o ópio do povo", Marx expressa sua crença de que a religiosidade é uma espécie de consolo ilusório, desviando a atenção das pessoas oprimidas, em relação aos reais problemas sociais e da urgência em se promover as devidas transformações sociais.

Na visão **materialista histórica** de Marx, a humanidade, em sua história geral, não é conduzida por ideias, religiosidade ou expoentes intelectuais, mas tão-somente por suas condições materiais do seu existir e subsistir, ou seja, pela forma como os seres humanos se organizam para produzir seus meios de vida. Mesmo sob severas críticas, Karl Marx ainda se mantém como indispensável, quando se trata de analisar criticamente a sociedade capitalista e as estruturas de poder.



Karl Marx

1.3 HISTÓRIA DA RELIGIÃO E EVOLUÇÃO DAS CRENÇAS RELIGIOSAS AO LONGO DO TEMPO

A história da religião é um campo de estudo que busca compreender as origens, o desenvolvimento e o impacto das diversas tradições religiosas na

humanidade. Essa área envolve uma análise histórica, cultural e filosófica das religiões mundiais, além de destacar a singularidade de movimentos religiosos específicos, como o cristianismo, no contexto global. Compreender as religiões é também compreender a própria história humana, pois as crenças espirituais moldaram civilizações, guerras, políticas e artes ao longo dos séculos.

A origem das religiões se confunde com a origem da própria humanidade. Sempre houve expressões relacionadas a crenças, por exemplo, em forças sobrenaturais, deificação de entidades como aquelas das civilizações mais antigas (sumérios, babilônios, egípcios, gregos, romanos, etc.), devendo-se, ainda, apresentar nesse rol, as próprias religiões monoteístas como o judaísmo, o islamismo e o cristianismo. Outro seguimento de religiosidade e espiritualidade importante, a ser considerado, é aquele que traz as religiões orientais, como o budismo, o hinduísmo, o taoísmo, o xintoísmo e o confucionismo, entre outras. Enfim, culturas inteiras têm sido formadas a partir de bases religiosas.

As origens das religiões revelam que, inicialmente, o animismo prevalecia, sendo a crença de que tanto seres vivos, como objetos inanimados, são habitados por espíritos transcendentes de vida. Interessante é notar que ainda hoje são encontradas crenças idênticas ou similares. No caso do panteísmo, também se crê que Deus está literalmente presente em todos os seres vivos da natureza. Não seria isto um desdobramento sutil do animismo?

As primeiras civilizações trouxeram consigo a demanda pelo estabelecimento de um sistema de crenças religiosas, sendo que conforme tais crenças passavam a ser organizadas em sistemas religiosos, se tornavam cada vez mais complexas e dominantes, passando a fazer parte até mesmo dos próprios sistemas governantes, já que tinham o povo por seus adeptos, o que, por sua vez, despertava o interesse dos governantes de que a religiosidade estivesse também sob seu atento olhar e, em alguns casos, controle. Há casos em que o governante se tornava, por sua imposição ou pela vontade do povo, o próprio “deus” a ser reverenciado e cultuado.

Gaarder, Hellern e Notaker (2000), asseveram, quanto à história das religiões, que:

Foram registradas várias formas de religião durante toda a história. Já houve muitas tentativas de explicar como surgiram as religiões. Uma das explicações é que o homem logo começou a ver as coisas a seu redor como animadas. Ele acreditava que os animais, as plantas, os rios, as montanhas, o sol, a lua e as estrelas continham espíritos, os quais era fundamental apaziguar. O antropólogo E. B. Tylor (1832-1917) batizou essa crença de animismo. Tylor foi influenciado pela teoria de Darwin sobre a evolução. Segundo ele, o desenvolvimento religioso caminhou paralelamente ao avanço geral da humanidade, tanto cultural como tecnológico, primeiro em direção ao politeísmo (crença em diversos deuses) e depois ao monoteísmo (crença num só deus). Tylor concluiu que os povos tribais não haviam ido além do estágio da Idade da Pedra e, portanto, praticavam esse mesmo tipo de animismo. Hoje essa teoria do desenvolvimento foi rejeitada, e há um consenso geral de que animismo não é uma caracterização adequada para a religião dos povos tribais. GAARDER, HELLERN E NOTAKER (2000, p.15)

Nesse contexto de avanço e expansão das forças religiosas nos respectivos povos, eram criados conceitos de panteões dos deuses (cada deus com uma função específica), criadas estruturas sacerdotais, estabelecidos padrões de cultos e celebrações, exigidos sistemas sacrificais, ordenados sistemas de doações, etc. Dois exemplos clássicos de formação, organização e expansão desses sistemas religiosos politeístas, são as nações grega e romana. Nesses casos, a influência dos deuses em assuntos civis, econômicos, diplomáticos, militares, etc., era evidente. Os deuses desempenhavam papel fundamental em assuntos humanos.

Mesmo em meio à ascensão e expansão dos sistemas politeístas, floresceu também o sistema monoteísta. Por volta do ano 2.000 a.C., surge Abrão, em Ur dos Caldeus. Mesmo vivendo em uma cultura predominantemente idólatra, Abrão (depois, Abraão), se portava como um homem temente a Deus, que O reverenciava em sua vida diária. Com isto, tornou-se o homem a ser chamado por Deus para resgatar a verdadeira adoração, a tanto perdida, após os dias de Noé e daqueles seus descendentes que temiam ao Senhor.

Desse homem – Abraão – surge o sistema monoteísta mais amplo e abrangente de todos os tempos, originando as maiores religiões monoteístas

(Judaísmo, Islamismo e Cristianismo), assunto a ser analisado no próximo tópico.

Na mesma linha monoteísta, a história registra a criação do Zoroastrismo (Antiga Pérsia, entre 1.700 e 1.000 a.C.). O fundador, Zaratustra (Zoroastro), relata ter recebido uma visão na qual foi levado à presença do deus Ahura Mazda, de quem recebeu instruções e mensagens a serem repassadas aos humanos. Rejeitado pelas autoridades civis e religiosas da sua nação, partiu para outro país, Báctria, hoje região do Afeganistão, tendo sido aceito pelo rei e pela rainha e, assim, instalando o Zoroastrismo. O rei e a rainha foram convertidos pelas pregações de Zaratustra.

A história também revela o nascimento de outros tipos de movimentos religiosos no oriente. O Hinduísmo, com milênios de trajetória histórica, o Budismo, tendo como fundador Siddhartha Gautama (o Buda), aproximadamente no sexto século a.C., bem como o Jainismo, o Sikhismo, o Taoísmo e o Confucionismo, entre outros.

As religiões causaram forte influência cultural em praticamente todas as nações, sendo que um exemplo bastante evidente foi a influência do cristianismo no processo de colonização efetivado pelas nações europeias, na idade média, sendo que esse sistema religioso também recebeu do processo colonialista, sua força de expansão para outros povos. Hoje, o mundo conta com uma impressionante diversidade religiosa, em que novos movimentos são formados, dividindo espaço com o ateísmo e o secularismo.

Obter boa compreensão da origem das religiões tem um expressivo valor, já que esse saber relaciona-se diretamente com a história da própria humanidade. Várias das dimensões humanas foram afetadas e até transformadas pela religiosidade das pessoas (artes, ciências, legislações, economia, política, etc.). Trata-se de um aprofundamento cultural relevante, o estudar a história das religiões, bem como praticar a religiosidade, pois os efeitos são a disseminação de modelos comportamentais mais tolerantes e benéficos, os esclarecimentos quanto às essências da existência humana e suas finalidades transcendentais, a prática de diálogos entre culturas, as significações da vida e da morte, entre outros.

Assim, conforme o tempo avançava (século após século), as práticas religiosas se avolumavam em termos de variedade, assumindo formas cada vez mais diversificadas. No Egito antigo, os templos eram não apenas espaços de culto, mas também centros de poder político e econômico. As práticas religiosas eram integradas à vida cotidiana, com rituais voltados para a harmonia entre os homens, os deuses e o cosmos.

Na época clássica, lugares como Jerusalém e Atenas ilustram a centralidade da fé em suas dinâmicas de desenvolvimento e ampliação da fé religiosa. Jerusalém, com seu templo, tornou-se o epicentro da adoração monoteísta judaica. Por outro lado, Atenas era marcada pela devoção a deuses panteístas, como Atena, cuja influência permeava não apenas o culto, mas também a política e a cultura.

Com o advento do cristianismo, muitas sociedades foram transformadas pela mensagem de inclusão e espiritualidade. Autores como Rodney Stark (1996) destacam que o cristianismo ofereceu uma nova perspectiva de organização social, que valorizava tanto o indivíduo quanto a comunidade. Durante a Idade Média, as catedrais emergiram como símbolos de fé e de centralidade comunitária. Essas construções não apenas exaltavam a glória de Deus, mas também serviam como espaços de educação e assistência.

Nos séculos seguintes, movimentos como a Reforma Protestante e o Iluminismo influenciaram significativamente a relação entre religião e sociedade. A Reforma redefiniu o papel das igrejas como espaços de ensino e pregação, enquanto o Iluminismo promoveu a secularização progressiva das instituições sociais. Ainda assim, a religião continuou a desempenhar um papel crucial na organização de comunidades e no fortalecimento dos laços sociais.

Na contemporaneidade, as práticas religiosas permanecem relevantes, especialmente em contextos de diversidade cultural como nos grandes centros urbanos. Espaços como igrejas, mesquitas e templos tornam-se refúgios espirituais em um mundo marcado por tensões e incertezas. De acordo com Philip Jenkins (2002), o cristianismo globalizado tem adaptado suas práticas para responder às demandas de um mundo em constante transformação, sem perder de vista os princípios fundamentais da fé.

Assim, pode-se concluir que a relação entre religião e sociedade reflete a busca humana por organização, significado e transcendência. Desde as primeiras civilizações até as sociedades contemporâneas, a fé moldou os comportamentos sociorreligiosos e continua a influenciar as dinâmicas sociais e culturais. É essencial considerar a interdependência entre as crenças religiosas e os aspectos práticos da vida humana ao longo da história.

1.3.1 Principais religiões e suas características

As religiões globais são organizações com características que impressionam, a começar pela quantidade de adeptos, pela presença em todo globo, por suas idades milenares, amplitude dogmática e doutrinária, etc. Atualmente são esses os dados quanto ao volume de adeptos nas religiões globais:

- a. Cristianismo -> 2.4 bi
- b. Islamismo -> 1.9 bi
- c. Hinduísmo -> 1.2 bi
- d. Budismo -> 520 mi
- e. Sikhismo -> 30 mi
- f. Judaísmo -> 14 mi
- g. Outros movimentos religiosos globais: Espiritismo; Agnosticismo, Bahaísmo; Xintoísmo; Zoroastrismo; Religiões folclóricas e de origem afro.

A sociedade global abriga milhares de religiões, sendo que cada uma conta com características bem particulares. A seguir serão analisadas as principais religiões do mundo, que contabilizam a maior quantidade de fiéis, as quais, naturalmente, causam as influências mais profundas e amplas, nas sociedades em que estejam presentes.

Serão analisadas as características essenciais de cada grande religião, como por exemplo, a divindade adorada/reverenciada, os textos considerados sagrados em cada uma delas, bem como os valores, costumes e princípios que

sustentam tais movimentos religiosos, enfatizando que cada religião possui diversas ramificações e interpretações.

O quadro a seguir apresenta diversas características de cada uma das grandes religiões do mundo.

QUADRO 1: Religiões globais e suas características principais

Religião	Origem	Divindade	Figura central	Texto sagrado	Crenças-chave	Ramos principais	Locais sagrados	Símbolos comuns
Cristianismo (2,4 bi de adeptos)	Oriente Médio Século I d.C.	Monoteísta Deus (Pai, Filho e Espírito Santo)	Jesus Cristo	Bíblia (AT. e NT)	A salvação através da fé em Jesus Cristo, a vida após a morte, o conceito de Trindade, os Dez Mandamentos como guia moral. Valoriza o amor ao próximo, o perdão e a caridade.	Catolicismo Romano, Protestantismo (com diversas denominações como Batistas, Metodistas, Presbiterianos, Luteranos, pentecostais, etc.) e Ortodoxia Oriental.	Jerusalém, Belém, Roma.	Cruz, Peixe (ichthus).
Islamismo (1,9 bi de adeptos)	Península Arábica (Século VII d.C.)	Monoteísta Alá (que significa "Deus" em árabe)	Maomé	Alcorão	A submissão à vontade de Alá, a crença em um único Deus, a existência de anjos, profetas, livros sagrados e o Dia do Juízo Final. Guiado pelos Cinco Pilares do Islã: Shahada (fé), Salat (oração), Zakat (caridade), Sawm (jejum no	Sunitas (maioria) e Xiitas.	Meca, Medina, Jerusalém.	Crescente e Estrela

					Ramadã) e Hajj (peregrinação a Meca).			
Hinduísmo (1,2 bi de adeptos)	Vale do Indo (Índia), sem um fundador único ou data de fundação específica (datado de 3000-1500 a.C.).	Politéista/ Henoteísta (adoração a múltiplos deuses, mas com a crença em uma divindade suprema ou realidade unificadora, o Brahma).	A Trindade Divina: Brahma, Vishnu e Shiva.	Vedas, Upanishads, Bhagavad Gita, Puranas, entre outros.	Dharma (conduta ética e dever), Karma (lei de causa e efeito das ações), Samsara (ciclo de renascimento/ reencarnação) e Moksha (libertação do ciclo de Samsara, alcançando a união com o divino). A diversidade de caminhos para a espiritualidade é uma característica marcante.	-	Cidades como Varanasi, rios como o Ganges.	Om (Ω), Suástica (símbolo antigo de boa sorte e bem-estar).
Budismo (500 mi de adeptos)	Índia (século VI a.C.).	Não teísta (não foca na adoração de um deus criador, mas na busca pela iluminação)	Sidarta Gautama, o Buda (o "Iluminado")	Cânone Pali (Tripitaka), Sutras, entre outros.	As Quatro Nobres Verdades (a existência do sofrimento, a causa do sofrimento, a cessação do sofrimento e o caminho para a cessação do sofrimento) e o Caminho Óctuplo (o caminho	Teravada, Mahayana (com subramos como o Zen Budismo e o Budismo Tibetano).	Lumbini (Nepal, local de nascimento de Buda), Bodh Gaya (Índia, local de iluminação)	Roda do Dharma, flor de lótus, estupas.

					para a iluminação, incluindo a visão correta, a intenção correta, a fala correta, etc.). Busca-se o Nirvana, um estado de libertação do sofrimento e do ciclo de renascimentos. Enfatiza a meditação, a compaixão e a não-violência.			
Siquismo (30 mi de adeptos)	Índia (século XV d.C.).	Monoteísta Waheguru	Guru Nanak Dev Ji, o primeiro dos dez Gurus Siques.	Guru Granth Sahib (considerado o Guru eterno).	Unidade e igualdade de todos os seres humanos perante Deus, serviço altruísta, vida honesta, meditação no nome de Deus. Rejeita o sistema de castas.	-	Harmandir Sahib (Templo Dourado) em Amritsar, Índia.	Khanda
Judaísmo (15 mi de adeptos)	Oriente Médio (cerca de 2000 a.C.).	Monoteísta Yahweh/ Adonai (Deus)	Moisés é o profeta mais importante, a quem Deus teria revelado a Torá.	Torá (os cinco primeiros livros da Bíblia hebraica), Tanakh (Bíblia hebraica completa), Talmude	A aliança de Deus com o povo de Israel, a observância dos mandamentos da Torá, a vinda de um Messias (ainda esperado pela	Ortodoxo, Reformista, Conservador.	Jerusalém (Muro das Lamentações), Sinagogas.	Estrela de Davi, Menorá (candelabro de sete braços).

					maioria dos judeus). Valoriza a família, a comunidade, a justiça e a aprendizagem.			
--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Diversas fontes de pesquisa (2025)

Além das religiões anteriormente descritas, há ainda outros movimentos religioso-filosóficos relevantes no mundo, como as religiões tradicionais da China. Por exemplo: o Taoísmo (Laozi) e o Confucionismo (Confúcio).

É indispensável ressaltar o fato de que a exposição ora apresentada é um resumo simplificado do volume geral de informações sobre a composição e dimensões de cada uma dessas religiões. A compreensão de todas as características e objetivos desses movimentos religiosos contribui para que seja valorizada a riqueza e complexidade da religiosidade humana através de milênios.

1.3.2 Impacto da religião nas sociedades antigas

Os sistemas de religião sempre desempenharam atributos centrais e múltiplos nas antigas sociedades, influenciando quase que todas as dimensões e fatores da vida das pessoas (tanto leigos, como intelectuais e autoridades). A religião sempre foi tida como coluna da estruturação social, política e econômica, bem como estendia seus braços sobre dimensões como a arte, a moralidade, até mesmo os avanços tecnológicos, etc., indo muito além de um mero conjunto de crenças.

Na antiguidade, a religião trazia muitos significados e também muitas respostas a questões existenciais, como as origens e os propósitos da vida, dos astros e do próprio universo, o estado do homem na morte e as causas dos fenômenos da natureza (sol, chuvas, frio, terremotos, enchentes, etc.), sendo que para tais ocorrências naturais, havia a indicação de deuses e deusas que lhes eram como que originadores e responsáveis não só por suas ocorrências, como também pelas consequências dos mesmos. Os mitos e lendas

funcionavam como narrativas que explicavam o mundo, servindo como uma base para a conduta ética e moral.

Outros efeitos da religião na vida social estavam relacionados aos poderes políticos instalados, inclusive, sendo considerados deuses muitos dos governantes, ou no mínimo representantes diretos das divindades ali adoradas (ex.: faraós no Egito Antigo). Reis detinham legitimidade sagrada para exercer seus poderes, o que justificava a implementação de normas e leis, normalmente rigorosas. Além dos governantes em si, havia outra casta de poder que se impunha sobre as respectivas sociedades: os sacerdotes. Tais líderes eram tidos como intermediários entre os deuses e os homens, interpretando presságios e aconselhando os líderes. Templos e santuários não eram apenas locais de culto, mas também centros econômicos, controlando terras e recursos.

A própria coesão social, fator tão necessário para o estabelecimento e a consolidação das sociedades, era altamente atribuída às práticas religiosas, nas quais, por exemplo, rituais, festivais e sacrifícios eram realizados em comunidade, reforçando laços e um senso de identidade coletiva. A legislação em geral, daquelas sociedades, também contava com fundamentos religiosos, inclusive na decretação de códigos de conduta e punição, com vistas à manutenção da ordem social. O Código de Hamurabi é um exemplo notável de como preceitos religiosos e civis se entrelaçavam para estabelecer a justiça.

Outra dimensão social afetada fortemente pela religiosidade era a arte, através da qual os deuses eram honrados e os governantes e líderes religiosos enaltecidos, na arquitetura exuberante de templos com suas obras de arte, internas e externas, que enalteciam tais celebridades da respectiva época. Tais obras não eram tão-somente exuberantes em termos estéticos, mas traziam forte significação espiritual, fazendo, em muitos casos, a ligação entre o humano e o divino, ou sagrado.

O dia a dia das populações, em geral, nos trabalhos agrícolas, no artesanato, na caça e na pesca, nas atividades fabris, também eram moldadas, em grande parte, pela religião ou pelas religiões vigentes, significando bons resultados, esperança de melhores dias, saúde e prosperidade, etc.

Enfim, a religiosidade era elemento crucial no cotidiano das pessoas e coletividades, moldando o todo das civilizações, através de sistemas de crenças,

estruturação social e significação para a vida para todos, ao longo de toda história.

INDICAÇÃO DE VÍDEOS

1) SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

<https://www.youtube.com/watch?v=zUofRTRIY4s>

2) A HISTÓRIA DAS RELIGIÕES: DOS CULTOS À NATUREZA, ORIGEM DOS DEUSES E O MONOTEÍSMO

<https://www.youtube.com/watch?v=qlYhisoj6f0>

LEITURAS COMPLEMENTARES

1) Sociologia de Durkheim e o Fato Social: reflexões teóricas.

https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20211116091947.pdf

2) Sociologia da Religião

[https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/175184/2/Manual %20Sociologia%20da%20Religi%C3%A3o.pdf](https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/175184/2/Manual_%20Sociologia%20da%20Religi%C3%A3o.pdf)

3) História das religiões: conceitos e debates na era contemporânea

https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772007_f2dad77ff278f6d1fd25e687d7e95953.pdf

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sociologia e Antropologia são ciências com muitos aspectos em comum, sendo que as duas se prestam ao estudo do ser humano em sociedade. Mesmo que abordem e tenham focos científicos distintos, as duas disciplinas trabalham

para ampliar a compreensão sobre a complexidade do viver social, em todas as suas dimensões, artística, econômica, cultural, político-estrutural, etc.

Assim, enquanto a sociologia mantém o foco na estruturação da sociedade, nas relações de poder, nas instituições e nos fenômenos coletivos que moldam a sociedade, a antropologia se volta para aspectos culturais, linguísticos, nas diversidades humanas, e as experiências particulares de grupos sociais. Antropologia é a ciência que visa analisar os costumes, as crenças, os rituais, as línguas e as formas de vida de diferentes povos, tanto no passado quanto no presente. As duas ciências se complementam, já que enquanto uma apresenta o fundamento teórico para se compreender as grandes tendências sociais, a outra potencializa essa compreensão com a profundidade das experiências culturais e a valorização da singularidade.

A história da religião equipara-se perfeitamente à própria história do ser humano. Desde o princípio, as pessoas sempre procuraram por respostas quanto aos muitos enigmas da sua existência, da morte e seus efeitos, das forças da natureza, o que as levou a criarem sistemas de crenças que lhes possibilitassem alguma explicação quanto a tudo isto. Com o desenvolvimento da produção agrícola, as coisas foram ganhando novas perspectivas, levando os movimentos religiosos a serem mais organizados, inclusive com a inserção de locais sagrados com imagens das divindades adoradas e os respectivos rituais.

Com o passar do tempo, a filosofia também trouxe aprimoramentos aos sistemas religiosos, já que, inclusive, tanto filosofia quanto religião já interferiam amplamente nos sistemas governamentais. A evolução da religião nunca deixou de existir, até aos nossos dias, onde ainda continua a trazer inovações nos aspectos doutrinários e dogmáticos, bem como estruturais e tecnológicos.

Resumindo, a religião é um fenômeno universal e multifacetado, que reflete a busca incessante do ser humano por sentido, transcendência e conexão com algo maior que si mesmo. Sua trajetória é um espelho da própria jornada da civilização, revelando a capacidade humana de criar significado e organizar o mundo ao seu redor.

HORA DE REVISAR

Foi possível compreender as amplas e significativas contribuições da Sociologia e da Antropologia para a análise e o desenvolvimento social do ser humano através dos séculos, inclusive trazendo soluções para os tempos atuais. Ambas as ciências se têm dedicado ao estudo da composição social em seus mais diversos aspectos e dimensões.

O estudo revelou que são vários os autores que produziram materiais científicos sobre esses assuntos tão relevantes e, dentre eles, se destacam Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx, entre outros. Durkheim se concentra mais na identificação dos **fatos sociais**, sendo que as causas destes têm origem em outros fatos sociais e não em características psicológicas ou biológicas dos indivíduos. Já Weber, foca na complexidade das interações sociais, bem como no que diz respeito à dinâmica do poder (conceito de dominação: tradicional, carismática e legal-racional). Outra ênfase sua, é a compreensão de que as consequências das ações humanas na construção do mundo moderno, nem sempre são intencionais. Marx teve uma enorme influência na história intelectual, econômica e política subsequente. Seu foco mais acentuado foi a economia do trabalho (capitalismo x proletariado).

Foi possível contemplar, também, na presente obra, a história da religião, bem como a evolução das crenças religiosas ao longo do tempo, tendo sido ressaltado que sempre houve expressões relacionadas a crenças, por exemplo, em forças sobrenaturais, deificação de entidades como aquelas das civilizações mais antigas (sumérios, babilônios, egípcios, gregos, romanos, etc.). Viu-se ainda que as primeiras civilizações trouxeram consigo a demanda pelo estabelecimento de um sistema de crenças religiosas, sendo que conforme tais crenças passavam a ser organizadas em sistemas religiosos, se tornavam cada vez mais complexas e dominantes, passando a fazer parte até mesmo dos próprios sistemas governantes.

Outra abordagem deste estudo, foi sobre as principais religiões e suas características, fazendo-se uma análise detalhada dos seguintes aspectos de cada uma dessas principais religiões globais: origem, divindade, figura central,

texto sagrado, crenças-chave, ramos principais, locais sagrados e símbolos comuns. Por fim, discorreu-se também sobre o impacto da religião nas sociedades antigas, ficando evidenciado que os sistemas de religião sempre desempenharam atributos centrais e múltiplos nas antigas sociedades, influenciando quase que todas as dimensões e fatores da vida das pessoas (tanto leigos, como intelectuais e autoridades).

Em termos de impacto da religião nas sociedades antigas, demonstrou-se ainda que o cotidiano das pessoas era profundamente afetado pelas práticas religiosas. O exercício do poder político e as atividades diárias como trabalhos agrícolas, artesanato, caça e pesca, atividades fabris, etc., eram conduzidas basicamente sob as forças das crenças religiosas.

REFERÊNCIAS

GAARDER Jostein; HELLERN Victor e NOTAKER Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

JENKINS, Philip. **The Next Christendom: The Coming of Global Christianity**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

LAPLANTINE, Francois. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MACHADO, Igor José de Renó. **Sociologia hoje**. São Paulo: Ática, 2016.

STARK, Rodney. **The Rise of Christianity**. New York: HarperCollins, 1996.

TOMAZI, Nelson Dacio; ROSSI, Marco Antonio. **Sociologia para o ensino médio**. São Paulo: Saraiva, 2016.

UNIDADE 2: SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO NA CONTEMPORANEIDADE

2.1 A RELIGIÃO COMO FENÔMENO SOCIAL

No âmbito da sociologia, a religião vai além da disseminação e prática de crenças individuais e coletivas, sendo considerada sim, um significativo fenômeno social, com elevadas complexidades e uma ampla gama de variações, que vai moldando e sendo moldada pelas sociedades em que estejam instaladas. É algo extremamente robusto, já que além de levar as pessoas às transcendências que lhes são peculiares, também as colocam em situações reais, empíricas do dia a dia, como por exemplo, influenciando fortemente as estruturas de poder político.

Sobre a religião, enquanto fenômeno social, incumbe atribuições bastante relevantes em termos de formação cultural de uma sociedade. Émile Durkheim acentuava que a religião impulsionava a chamada Coesão Social, já que contribui significativamente para o senso de pertencimento e de união entre os indivíduos e também entre coletividades, pois congrega tais pessoas em núcleos sensíveis como valores, rituais e símbolos que lhes são comuns, reforçando a identidade coletiva daquela sociedade.

Pela religião, ainda, são estabelecidos muitos códigos de moralidade ética, os quais indicam caminhos para a melhor atitude comportamental, tanto de indivíduos como da própria coletividade em si. Nesse caso, estamos diante de um quadro de “controle social”, pois a partir da religiosidade, são implementados comportamentos que se conformam às normas e também, atitudes pelas quais as pessoas são desincentivadas a cometerem desvios sociais.

Outro efeito social relevante promovido pela religião, é o fato de que as pessoas conseguem encontrar respostas às suas dúvidas existenciais, deixando-as menos tensas e mais motivadas para continuar lutando, já que alcançam esse “consolo”, principalmente em situações de crise (basta citar o exemplo de uma pandemia, onde as pessoas ficam naturalmente mais preocupadas).

Conforme já salientado, pelos “braços” da religião, estruturas políticas e culturais são fortemente influenciadas, mais amplamente no poder legislativo, onde legisladores predominantemente religiosos, conduzem seus projetos, debates públicos e votos justamente na linha em que seus princípios religiosos os orientam.

Assim, fica evidenciado que entre todos os fatores sociais existentes, ou seja, aqueles elementos que constroem as bases de cada sociedade, a religião ganha destaque, pois se posiciona com uma força estratégica da população para fazer acontecer seus anseios mais determinantes, de modo a obterem o direito a uma existência segura e promissora. Sim, a religião é um fator intrínseco da experiência humana e da organização social. Sua compreensão como fenômeno social é crucial para analisar a dinâmica das sociedades, suas transformações e os valores que as sustentam.

2.1.1 Funções Sociais da Religião na Comunidade

As comunidades em geral, muitas delas como centros dinâmicos de diversidade e desigualdade, oferecem um palco privilegiado para a ação religiosa. Segundo Sennett (1990, p. 123), as comunidades urbanas, por exemplo, são um ambiente fértil para a expressão religiosa, pois congrega indivíduos de diferentes origens em torno de questões comuns, como a luta por direitos humanos e a redução da pobreza.

As comunidades religiosas, ao se engajarem politicamente, frequentemente tornam-se defensoras de grupos vulneráveis, promovendo educação, saúde e moradia. Como exemplifica Gutiérrez (1988, p. 45), a teologia da libertação na América Latina emerge como um exemplo claro do diálogo entre religião e justiça social, com foco na emancipação dos pobres.

Dado o crescente protagonismo das religiões nas cidades, é fundamental fomentar o diálogo inter-religioso e a colaboração entre diferentes tradições para maximizar os benefícios sociais de suas ações. Iniciativas como o "Fórum Inter-Religioso pela Paz e Justiça Social", mostram como parcerias podem ser bem-sucedidas na abordagem de desafios urbanos complexos (Ribeiro, 2022, p. 34).

A seguir, são apresentadas algumas alternativas de ações religiosas que podem sim minimizar a dor e o sofrimento de muitas pessoas da sociedade local, regional e nacional (das comunidades).



Fonte: XAVIER, Erico T., (2025, p.55).

Assim, fica constatado e evidenciado que denominações religiosas e outras instituições afins, podem e devem participar ativamente na promoção da justiça social, quer pelo dom do ensino da Palavra (pregações e ensinamentos religiosos diversos), quer por essas tantas ações já sugeridas e recomendadas, saindo das quatro paredes da edificação, ou das quatro paredes da teoria teológica, e indo a campo para essas grandiosas realizações em prol do ser humano fragilizado.

Já que o assunto ora iniciado deve tratar das funções sociais da religião na comunidade, faz-se necessário apresentar índices estatísticos relacionados

à população mais vulnerável, que vive em situação de pobreza e/ou miséria. O relatório a seguir (IBGE, 2022 e 2023), apresenta dados importantes sobre essa condição que atinge milhões de pessoas no Brasil e, de modo mais acentuado, nos grandes centros urbanos.

Em 2022, 31,6% da população brasileira vivia em situação de pobreza, segundo o IBGE.
Em 2023, a pobreza e a extrema pobreza atingiram o menor nível da série histórica do IBGE, mas ainda havia 59 milhões de pessoas em situação de pobreza e 4,4% em extrema pobreza.
A pobreza é mais concentrada nas regiões Norte e Nordeste, onde a taxa de pobreza atinge 38,5% e 47,2%, respectivamente.
A extrema pobreza afeta mais a população do Nordeste (9,1%) e do Norte (6%).
A população negra e parda é mais vulnerável à pobreza, com 40% vivendo em situação de pobreza, enquanto entre os brancos, essa proporção é de 21%.
Mulheres pretas ou pardas, sem cônjuge e com filhos menores de 14 anos, são as mais afetadas pela pobreza, com 72,2% vivendo em situação de pobreza.

Fonte: (IBGE, 2022 e 2023)

A marginalização de pessoas está direta e plenamente relacionada à pobreza. Tal condição social leva os desfavorecidos a serem tidos pela maioria da população como excluídos, sendo que em casos mais severos, consideradas um “peso” para a sociedade. E é justamente nesse cenário de condições precárias para grande parte da população que entram em cena os movimentos religiosos, fazendo de tudo para minimizar tais situações, levando, além dos itens de subsistência, outros valores de muita relevância para essas pessoas.

Os marginalizados urbanos, frequentemente invisibilizados pelas políticas públicas, encontram nas comunidades religiosas um espaço de acolhimento e ação. Movimentos como o das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) no Brasil, abordados por Boff (1984, p.78), mostram como a fé pode ser um catalisador de transformações estruturais.

Um exemplo contemporâneo é o trabalho de ONGs religiosas que atuam em favelas e periferias urbanas, como a Missão Integral, que combina evangelização com projetos sociais. Segundo Silva (2021, p.105), estas iniciativas não apenas oferecem suporte material, mas também promovem a dignidade humana, criando oportunidades para a inserção social.

Assim, fica evidente que os movimentos religiosos, das mais diversas matizes, podem sim, desempenhar relevante papel social, no sentido de se posicionarem como defensores dos habitantes urbanos marginalizados, disponibilizando aos mesmos processos humanizados de acolher, defender, instruir, apoiar emocional e espiritualmente, elevando o senso de dignidade e trazendo esperança de dias melhores. No cotidiano das grandes cidades, comumente marcado pelos comprometedores desequilíbrios sociais, muitas organizações religiosas configuram-se para essas pessoas, como verdadeiros “oásis” de esperança e segurança.

A igreja Católica Apostólica Romana desenvolve inúmeros projetos assistenciais, onde pessoas em estado de vulnerabilidade são acolhidas e atendidas em suas principais necessidades. Essa denominação cristã é seguida, também nesses projetos missionários e beneficentes, pelas igrejas evangélicas e protestantes, as quais também desempenham papel fundamental nesse contexto de carências pessoais e coletivas. Outro seguimento religioso bastante atuante nesses projetos de acolhimento humano, é composto por organizações religiosas espíritas e de matiz africana, como Umbanda e Candomblé.

Vale ressaltar que, acima da própria atenção às necessidades básicas das pessoas socialmente fragilizadas, como alimento, roupas, medicamentos, etc., está a busca pela real dignidade humana para com os tais, dando-lhes até mesmo um senso de pertencimento, o qual, por sua vez, muito significa para essas pessoas. As religiões com atuação mais enfática no meio urbano, abrem espaços importantes nos quais essas pessoas se sentem percebidas e, em muitos projetos de acolhimento religioso para com os marginalizados, há serviços especiais do simples “ouvir”, o que também possui um significado gigantesco para quem tem passado anos à margem da sociedade, quase que totalmente excluídos. Para os seres humanos, nada como sentir-se valorizado por seus pares.

Há também muitos projetos religiosos de reintegração social, onde as pessoas são devolvidas às respectivas famílias, recebem colocação profissional, passam por tratamentos consistentes de saúde, enfim, são contempladas com serviços religiosos de elevado valor social, emocional e espiritual.

Assim, pelas considerações acima, pode-se inferir que a religião, quando alinhada à justiça social, pode ser uma força transformadora nas cidades. Por meio de seu envolvimento em causas sociais e políticas, comunidades religiosas não apenas promovem mudanças estruturais, mas também ajudam a construir uma sociedade mais justa e inclusiva. Contudo, é necessário equilibrar sua atuação com o respeito à pluralidade e aos princípios democráticos.

2.1.2 Religião na Identidade Cultural

A formação da identidade cultural tem na religião uma grande força constitutiva, sendo um fator predominantemente intrínseco desse processo social e sendo, assim, um fator indissociável dessa construção. Religiosidade está para identidade cultural, como a Terra e os demais planetas vizinhos estão para o Sistema Solar, ou seja, absoluta e plenamente relacionados.

Exemplos de fatores sociais em que a religião integra e influencia a identidade cultural:

- a. Princípios éticos e morais -> nesse caso, a religião traz uma ampla carga de códigos para a ética e a moralidade, os quais norteiam comportamentos e atitudes, inclusive compondo e elaborando normativas jurídicas e políticas, sendo essas as bases da maneira de interagir das pessoas entre si, de se comunicarem, de trabalharem juntas, de tomarem decisões, enfim, de desempenharem seus papéis sociais.
- b. Visão de mundo e de sentido para a vida -> Pelas práticas da religiosidade, bem como por seus ensinamentos doutrinários, as pessoas alcançam uma melhor e mais ampla cosmovisão. Com isto, a identidade cultural das pessoas se molda a partir dessa contemplação mais transcendente dos propósitos e do sentido da vida, a qual lhes proporciona maiores forças nos enfrentamentos existenciais, dando-lhes

- um direcionamento mais claro e seguro. Com isto, há povos que se identificam por um senso mais nítido e enfático de persistência, por exemplo, de disposição para lutas mais aguerridas, etc.
- c. Tradições e celebrações religioso-culturais -> Nos ritos e celebrações de ordem religiosa e também cultural, são fortalecidos e consolidados os laços sociais de irmandade, coletividade, comunidade, etc. As pessoas fazem sacrifícios pessoais para cumprir certos ritos ou tradições religiosas e, sempre, em conjunto com outras pessoas (em comunidade). Isto implica em consolidação da identidade cultural.
 - d. Expressividades artísticas -> Outros elementos que contribuem para a consolidação da identidade cultural, no contexto da religião, são as expressões artísticas, como nas músicas e na literatura, entre outros. Os desenhos arquitetônicos das catedrais e de outros edifícios religiosos, por exemplo, trazem fortes marcas de identidade daquele povo; daquela sociedade.
 - e. Elementos educacionais e científicos -> Aqui se encontra outra dimensão social que é amplamente influenciada pela religiosidade, contribuindo para a formação da identidade. Em muitas culturas, a religião é um elemento-chave na educação, onde as crenças básicas são ensinadas às crianças. Essa transmissão de valores e conhecimentos religiosos é essencial para a preservação da herança cultural e para a formação da identidade dos indivíduos.
 - f. Estruturação político-social -> A religião sempre esteve presente na construção da ordem política dos povos, trazendo influências significativas no legislativo, no executivo e no judiciário (respeitadas as especificidades de cada povo), potencializando ainda mais a formação da identidade cultural.

Assim, fica evidenciado que a religião é uma “estrada” pela qual muitas sociedades transitam rumo a uma compreensão mais ampla da vida, tanto individual como coletiva.

2.2 RELIGIOSIDADE E INDIVÍDUOS

Cada pessoa que professe uma religião, será certamente afetado por ela em todas as dimensões da sua vida, quer positiva, quer negativamente, já que sua espiritualidade, que está além da prática religiosa, vai dar parâmetros a escolhas e decisões importantes, as quais poderão até mesmo alterar o curso da vida, o relacionamento com outras pessoas, comportamento geral, etc.

No que diz respeito a coisas boas que podem acontecer com o indivíduo, em função da sua prática religiosa, como sendo algo de ordem benéfica, está o próprio senso da pessoa, de ter propósitos e significados elevados para sua existência, que trazem um sentido para a vida e, em tal condição espiritual e emocional, a pessoa terá, certamente, mais disposição para os enfrentamentos diários, com uma boa carga de conforto e esperança. Há ainda, nessa perspectiva, o próprio apoio social que a pessoa recebe em sua comunidade de fé, reforçando seu senso de pertencimento e acolhimento humano.

Até mesmo dificuldades como estresse, ansiedade e depressão, podem ser minimizados, a partir da prática religiosa, já que pessoas religiosas tendem a apresentar melhores condições de resiliência e de adaptabilidade em condições mais severas. Aliado a isto, há ainda as atitudes por uma melhor saúde física e mental (abstenções de álcool e outras drogas, por exemplo), proporcionadas pela própria convivência com permanentes instruções religiosas para isto destinadas. Com tudo isto a favor de uma vida mais salutar, em todos os sentidos, cresce a esperança e o otimismo, levando a pessoa a desenvolver, inclusive, valores éticos e morais mais consolidados e efetivos em sua existência.

No entanto, e apesar de tantos efeitos positivos advindos da religiosidade do indivíduo, podem surgir desdobramentos negativos, também. Há doutrinas e ensinamentos altamente rigorosos, em que a pessoa pode chegar a sentir-se culpada em excesso, reprimindo-se a si mesma, podendo sofrer, em casos mais severos, de autodesvalorização. Há ainda a possibilidade de o indivíduo passar a sofrer com ansiedade e medo, pelo fato de sentir-se em constante julgamento, tanto da divindade quanto da própria comunidade religiosa. Outros efeitos que podem ser considerados negativos, a depender da prática religiosa vivenciada:

constantes fugas da realidade existencial, sentimento de constante pressão psicológica por causa de possíveis atos de autoritarismo e de manipulação por determinados líderes religiosos e ainda conflitos internos, advindos de crenças excessivamente rígidas.

Com relação à educação dos filhos, por exemplo, por meio das bases religiosas, White (2010) escreve que

O futuro da sociedade é indicado pelos jovens de hoje. Neles vemos os futuros mestres, legisladores e juízes, os líderes e o povo que determinam o caráter e destino da nação. Quão importante, pois, é a missão dos que devem formar os hábitos e influenciar a vida da geração nascente! WHITE, (2010, p.4)

A autora evidencia a grande importância social da educação das crianças (cada indivíduo), de forma a se tornarem agentes sociais úteis e felizes.

Assim, pode-se deduzir que a prática religiosa interfere sensivelmente na vida de cada indivíduo, quer de forma mais amena, quer de forma mais ampla e complexa, sendo que, nesse caso, até mesmo a saúde pode ser comprometida, haja vista possíveis excessos praticados pela própria pessoa, ou oriundos de lideranças religiosas nocivas.

2.2.1 Experiências pessoais de fé e espiritualidade

As experiências individuais de fé e religiosidade variam muito de pessoa para pessoa, já que envolvem, além de simples práticas religiosas como ir às igrejas, participar de rituais e celebrações, etc., o ato de transcender ao mundo físico e empírico, alcançando patamares muito mais elevados, no campo do sagrado, divino, iluminado, enfim, de níveis mais complexos da vida. Assim, cada pessoa responderá de uma forma, em toda essa dinâmica da vida espiritual.

Na busca por significação existencial, ou seja, de propósitos transcendentais, alguns indivíduos vão além do trivial cotidiano, desejando saber tudo sobre o sentido da própria vida, do porque estarmos neste tempo e espaço, da condição do homem na morte, o que os leva a uma experiência religiosa muito mais intensa, pois na palavra de Deus, por exemplo, estão

respostas a todas essas indagações e muito mais em termos de instrução para a vida presente e futura. Assim, nesse contato com a espiritualidade religiosa, a pessoa encontra conforto, mais forças para viver, orientações comportamentais, em outras palavras, um direcionamento seguro para continuar.

A depender da prática religiosa adotada, o indivíduo poderá manter conexões com elementos/fatores que estejam muito além de si mesmo, em dimensionamento. Conforme o caso, essas conexões podem dar-se com Deus, o criador e salvador, com a natureza, com o universo, com proposituras científicas e também com a própria humanidade. Tudo isto, novamente enfatizamos, conforme a prática religiosa adotada, pode se dar através da oração, da meditação, da contemplação e ainda por serviços benéficos prestados aos mais necessitados. Para muitos, tais experiências poderão significar paz de espírito, senso de realização, força para prosseguir dando sentido à vida, etc.

O indivíduo, em sua prática religiosa, poderá ainda obter um fortalecimento diferenciado, para o enfrentamento de crises e desafios pessoais e/ou relacionadas à sua coletividade (família, comunidade de fé, cidade, entre outras), mantendo-se firme e determinado a vencer. Tal comportamento, mais sólido e estável, é um dos resultados dessa transformação e desse crescimento e aprimoramento pessoal obtidos na jornada da fé, na qual elevados valores como compaixão, perdão, gratidão e amor ao próximo podem ser cultivados e praticados, moldando o caráter e as ações do indivíduo. Essa vivência pode inspirar mudanças positivas no comportamento, nas atitudes e nas prioridades de vida, levando a uma existência mais plena e significativa.

Com isto, pode-se inferir que as experiências pessoais de fé e espiritualidade trazem perspectivas mais elevadas para a existência, tornando a pessoa, muitas vezes, agente de solução para si mesmas, para seus familiares e amigos e para a sociedade em geral.

2.2.2 A influência da religião nas relações interpessoais

Vivemos coletivamente e todas as dimensões da vida acabam influenciando nossas relações interpessoais, como por exemplo, na dinâmica

familiar, no dia a dia do ambiente de trabalho e em momentos de lazer e entretenimento. Assim, não é de se duvidar que a dimensão religiosa venha, também, trazer influências sobre nossas atitudes e comportamentos sociais, na dinâmica das interações naturais da vida em coletividade. Bases espirituais poderão moldar atitudes, por exemplo, em termos de mais paciência com o próximo, de ações altruístas para com alguém que esteja em dificuldades, de disposição para aconselhar ou até mesmo de ficar em silêncio. Enfim, pelas vias da religiosidade, somos levados a ter essas ou aquelas atitudes, em relação aos nossos semelhantes.

Os próprios vínculos interpessoais são mais fortalecidos quando as pessoas permitem que suas bases religiosas conduzam certas situações da vida. Tal fortalecimento de vínculos poderá significar ações de apoio mútuo (senso de pertencimento, solidariedade e camaradagem), de disposição para a empatia, de consolidação das crenças e valores no contexto social, de maior proximidade (senso de irmandade), enfim, de um relacionamento mais significativo e construtivo para todos.

Sobre o trabalho e o envolvimento dos cristãos, por exemplo, na disseminação de conceitos relacionados à verdade e à justiça, de forma a contribuir para a formação benéfica de indivíduos, White (2010), assim se expressa:

Deve fazer-se na igreja uma obra bem organizada, para que seus membros saibam como comunicar a luz a outros e assim fortalecer a própria fé e aumentar o seu conhecimento. Ao repartirem o que de Deus receberam, firmar-se-ão na fé. A igreja que trabalha é igreja viva. Somos transformados em pedras vivas, e cada uma delas deve emitir luz. Cada cristão é comparado a uma pedra preciosa que recebe a glória de Deus e a reflete. WHITE, (2010, p.68).

A autora enfatiza explicitamente que a igreja (movimentos religiosos diversos também se enquadram nessa perspectiva de utilidade na formação de indivíduos para uma vida salutar em todos os sentidos), tem o dever de organizar-se para bem servir, transmitindo a luz divina.

Nos laços do matrimônio, as influências da religiosidade são ainda mais volumosas e intensas, levando os cônjuges a um estado de pleno pertencimento e de cumplicidade, tanto nos aspectos individuais de marido e esposa, quanto nos relacionamentos com filhos ou demais familiares que convivam no mesmo contexto. A religião promoverá circunstâncias de maturidade nos enfrentamentos diários, melhorias sensíveis na comunicação, maior flexibilidade (aceitação das diferenças e convívio de agregação e não de dispersão) nas questões relacionais, reduzindo atritos e proporcionando soluções satisfatórias para todos.

Há também que se considerar efeitos nocivos de relacionamentos interpessoais, quando a religiosidade extrapola os limites individuais, como nos casos em que a religião incentiva a discriminação do outro, em função de doutrinas, rituais, etc. Em casos de dogmatismo ou proselitismo excessivo, a comunicação pode se tornar unilateral e a empatia diminuir, pois o foco pode ser em "salvar" ou "converter" o outro, em vez de simplesmente compreendê-lo e respeitá-lo como ele é.

Em suma, a religião traz esse fortalecimento de laços interpessoais, unindo mais intensamente as pessoas, podendo, também, ocasionar distúrbios relacionais, a depender das atitudes tidas para com o outro, em função de prescrições religiosas não bem-vindas.

2.2.3 A prática religiosa e o comportamento social

Através dos ensinamentos religiosos, a pessoa é preparada para o convívio social mais adequado, sendo amplamente orientada a respeitar o outro, as instituições e a manter uma participação cívica e cidadã de elevado padrão ético e moral. A religião tem como uma de suas prerrogativas, colocar as pessoas em um estado elevado de comportamento social, incentivando a honestidade, a justiça, a compaixão, o perdão e a cidadania.

A bíblia tem como base de suas instruções religiosas, o “amor a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmo”, sendo que a prática dessas ações comportamentais significará todo um composto de atitudes mais enobrecedoras que degradantes. No caso da fé islâmica, o conceito de Zakat, relacionado à caridade, incentiva ações altruístas em prol do outro. Quando tais

valores são internalizados pelas pessoas, e vivenciados nas respectivas comunidades, vão incentivar uma mais acentuada coesão e o bem-estar coletivo.

Várias das dimensões humanas são afetadas e até transformadas pela religiosidade das pessoas (artes, ciências, legislações, economia, política, etc.). Trata-se de um aprofundamento social relevante, o praticar as instruções espirituais das religiões, bem como vivencial plenamente a religiosidade, pois os efeitos são a disseminação de modelos comportamentais mais tolerantes e benéficos, os esclarecimentos quanto às essências da existência humana e suas finalidades transcendentais, a prática de diálogos entre culturas, o fortalecimento coletivo, a proteção mútua entre pessoas de bem, ou seja, tudo por uma sociedade mais equilibrada e justa.

A prática religiosa frequentemente motiva o engajamento cívico e o voluntariado. Muitas denominações e organizações religiosas promovem ativamente ações sociais, programas de caridade, iniciativas de educação e saúde, e defesa de causas sociais. Motivados pela fé, os fiéis são encorajados a dedicar seu tempo, recursos e habilidades para o benefício da sociedade em geral. Esse ativismo pode se manifestar em diversas formas, desde a distribuição de alimentos para os menos favorecidos até a participação em movimentos por justiça social e direitos humanos.

Com o advento do cristianismo, por exemplo, as sociedades foram transformadas pela mensagem de inclusão e espiritualidade. Autores como Rodney Stark (1996) destacam que o cristianismo ofereceu uma nova perspectiva de **organização social**, que valorizava tanto o indivíduo quanto a comunidade. As catedrais, por exemplo, surgiram como símbolos de fé e de centralidade comunitária. Essas construções não apenas exaltavam a glória de Deus, mas também serviam como espaços de educação e assistência. São efeitos sociais, de práticas da religiosidade.

Resumindo, a prática religiosa é um fator potente que molda o comportamento social, tanto individual quanto coletivamente. Ela pode ser uma força motriz para a solidariedade, o altruísmo e a coesão, ao mesmo tempo em que exige constante reflexão sobre a tolerância e o respeito às diferenças.

INDICAÇÃO DE VÍDEOS

RELIGIÃO E SOCIEDADE: relação e influência

<https://www.youtube.com/watch?v=jff70CcnhVc>

INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA SOCIEDADE - CRISTIANISMO E POLÍTICA

<https://www.youtube.com/watch?v=IR8G0EMCvE>

A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NO COMPORTAMENTO HUMANO PARTE I

<https://www.youtube.com/watch?v=7A0auU-LxZc>

A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NO COMPORTAMENTO HUMANO PARTE II

https://www.youtube.com/watch?v=HT3Oi7_nbMA

LEITURAS COMPLEMENTARES

COMO A RELIGIÃO INFLUENCIA O COMPORTAMENTO

<https://www.monkprayogshala.in/blog/2016/5/15/how-religion-influences-behaviour-1>

COMPORTAMENTO ÉTICO, CIDADANIA E RELIGIÃO NAS RELAÇÕES

<https://www.youtube.com/watch?v=TgV5XwchR4s>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contemporaneidade é marcada por uma dinâmica nunca vista, em termos de diversidade religiosa. As pessoas, em desejando, certamente encontrarão aquela melhor alternativa religiosa que lhes convenha. O efeito disto, claro, é a mudança comportamental das pessoas, mudanças essas que

incidirão diretamente na convivência social, sendo que todas estarão, de certa forma, melhor orientadas a um comportamento construtivo e benéfico, não só para si, como também para o outro. Assim, pode-se entender que as funções sociais da religião se cumprem nesse contexto de ajustes nas atitudes e nas ações.

No entanto, há que se considerar, também, que acontecem distúrbios sociais, justamente em função de algumas atitudes e ações pessoais de indivíduos que afirmam estar cumprindo orientações religiosas. Nesse caso, surgem desequilíbrios como discriminação religiosa, agressões verbais e até mesmo físicas, em algumas situações mais críticas.

Mas é importante saber que até mesmo na formação da identidade cultural de um povo, a religião traz sua “força motriz” como impulsionadora de algumas caracterizações de cada sociedade, como moralidade, cidadania, influências político-governamentais, espírito de beneficência, senso de pertencimento, entre outras.

Enfim, a religiosidade atua poderosamente na determinação comportamental dos indivíduos, levando-os a participarem como agentes de solução nas comunidades onde atuam, enriquecendo as relações interpessoais e promovendo, em cada pessoa, esse senso de participação ativa na busca pelo bem-estar próprio e do outro.

HORA DE REVISAR

Foi possível obter uma compreensão satisfatória quanto à sociologia da religião na contemporaneidade, a partir de análises conceituais sobre esse fenômeno social altamente influenciador. Sim, ficou demonstrado que através das bases religiosas (sem indicar esta ou aquela religião), são cumpridas funções também sociais (além das de ordem espiritual), nas quais muitas pessoas são beneficiadas, mesma a partir da própria pessoa que mantém vigorosas suas práticas religiosas, chegando às demais pessoas que compõem cada comunidade.

Evidenciou-se, ainda, que a religião é um dos fatores mais preponderantes, quando o assunto é formação da identidade cultural de um

povo, já que leva a coletividade a uma coesão tal que as dimensões vivenciadas no dia a dia se tornam uma marca daquele povo.

Outra abordagem realizada no presente estudo indicou que cada indivíduo é influenciado pelas forças da religiosidade, de modo a ter seu comportamento moldado pelas próprias experiências de fé e espiritualidade, onde costumes e hábitos são direcionados pelas vias da aprendizagem espiritual, ou da palavra de Deus, no caso do cristianismo, ou pelos ensinamentos de outros textos sagrados. Além disso, ficou claro que as próprias relações interpessoais tendem a ser também moldadas pelas influências da religião praticada, onde cada pessoa tem no outro, um objeto de respeito, consideração e apoio. É a prática religiosa influenciando e direcionando o comportamento social das pessoas, de forma a se gerar um senso de pertencimento e de responsabilidade para com o bem-estar de si mesmo, bem como do outro.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Teoria e Prática da Libertação**. São Paulo: Vozes, 1984.

COSTA, Hermisten Maia P. da. **Curso introdutório de Homilética**. São Paulo: Monogeismo, 2001.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação: Perspectivas**. São Paulo: Loyola, 1988.

RIBEIRO, Ana Paula. **Fórum Inter-Religioso e Justiça Social**. Revista Sociologia Urbana, v. 15, n. 2, p. 30-50, 2022.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

STARK, Rodney. **The Rise of Christianity**. New York: HarperCollins, 1996.

XAVIER, Erico Tadeu. **O fenômeno religioso nas cidades**. 2025.

WHITE, Ellen G. **Mente, caráter e personalidade**. v.1. Tatuí-SP: CPB, 2010.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos Seletos**. v.3. Tatuí-SP: CPB, 2002.

UNIDADE 3: CIÊNCIA, RELIGIÃO E SOCIEDADE

3.1 INSTITUIÇÕES SOCIAIS E RELIGIÃO

O grau de influências promovidas entre a religião e as instituições sociais é bem elevado. O fato de a religião estar na base das sociedades, como na família e em comunidades locais, por si só, já é um fator de conexão intensa entre ela e as instituições sociais, que também atuam amplamente nas comunidades locais, ou seja, ambas as variáveis (religião e instituições sociais), estão presentes no mesmo contexto onde as pessoas e famílias vivem. Aliás, a religião, em si, já é uma reconhecida instituição social, já que não só é sustentada pela sua comunidade local, como também conduz a vida, em até certo grau, das pessoas que ali vivem.

Tanto é verdade que as igrejas constituem também uma instituição social, que a partir delas, são estabelecidos códigos de conduta moral, levando as pessoas a se comportarem dentro de um padrão mais benéfico, que nocivo, confirmando assim, seu papel de “controle social” da vida em coletividade. Assim, se há, por exemplo, cinco mil pessoas que frequentam as religiões ali instaladas, pode-se esperar que menos cinco mil pessoas estarão envolvidas com ações socialmente nocivas, como a ociosidade, o consumo desenfreado de bebidas alcoólicas, de tabaco e outras drogas, a prática de ações violentas como assaltos, sequestros, tráfico, entre outras.

A religiosidade das pessoas, em suas práticas diárias, além dos respectivos e pontuais rituais e celebrações, tem essa força social significativa e, desta forma, alcança o status de instituição social, influenciando diversas dimensões da sociedade, tais como:

- a. Área político-governamental
- b. Estruturação familiar
- c. Contexto educacional e de saúde
- d. Realidade econômica local e regional
- e. Obras assistenciais
- f. Senso de cidadania para os adeptos, entre outros.

Assim, fica entendido que a religião e as instituições sociais estão em um constante processo de interação e moldagem mútua. A religião, como fenômeno social, não apenas reflete a sociedade em que está inserida, mas também age como uma força capaz de moldar suas estruturas e dinâmicas.

3.1.1 A Religião nas instituições educacionais

Há no mundo, hoje, milhares de instituições de ensino que são instaladas e dirigidas por iniciativas religiosas (igrejas organizadas), começando pelas escolas do ensino fundamental e chegando até a educação superior, por meio de faculdades e universidades. A Igreja Católica Apostólica Romana sempre manteve essa iniciativa educacional, criando escolas ao redor do mundo, há séculos. Mas há ainda a iniciativa de religiões protestantes e evangélicas, bem como espíritas, islâmicas, judaicas e de outros tipos de movimentos religiosos que também criam instituições de ensino e as mantêm ao longo de décadas de história.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia, por exemplo, reconhecidamente uma das maiores organizações religiosas do mundo, mantém, em todo globo, instituições de ensino, conforme dados a seguir:

- a. Presente em mais de 150 países
- b. Total de 8.632 instituições de ensino
- c. Mais de 2 milhões de alunos
- d. 77.234 professores
- e. Mais de 500 unidades só no Brasil

f. No Brasil, mais de 225 mil alunos

Fonte: <https://www.adventistas.org/pt/educacao/educacao-adventista/>

Já a Igreja Católica opera a maior rede de escolas não-governamentais do mundo. Estimativas indicam que, em 2018, havia mais de 220.000 escolas católicas globalmente, atendendo a mais de 62 milhões de estudantes desde a pré-escola ao ensino médio. Essa rede está presente em mais de 100 países e representa um importante provedor de serviços educacionais, ficando atrás apenas dos governos da China e da Índia em termos de volume de alunos. O número de escolas católicas, entre pré-escola, ensino fundamental e médio, teve um aumento de 54% entre 1980 e 2019, passando de 143.574 para 221.144 instituições. Esse crescimento foi mais acentuado na África, onde o número de escolas mais que triplicou no período. (Santa Sé-Vaticano; UNESCO, 2025).

Nas palavras de Durkheim, *apud* Ferrari, 2008),

A educação tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança estados físicos e morais que são requeridos pela sociedade política no seu conjunto. Tais exigências, com forte influência no processo de ensino, estão relacionadas à religião, às normas e sanções, à ação política, ao grau de desenvolvimento das ciências e até mesmo ao estado de progresso da indústria local.

É salientado da citação que a religião é um dos pilares sociais no tocante às influências no processo educacional das crianças.

Com isto, pode-se constatar a grande força educacional das instituições confessionais pelo mundo, sendo elas, escolas da educação básica, centros de treinamentos e capacitações, escolas profissionalizantes e centros universitários/universidades, devidamente constituídas e mantidas por organizações religiosas. Nessas instituições de ensino, de ordem religiosa, as pessoas, além de receberem todo ensino regular, também recebem saberes da dimensão espiritual e ainda, orientações para a solidariedade, a responsabilidade individual e coletiva, de cidadania, de educação ambiental, entre outras.

3.1.2 O Papel da religião na sociedade moderna

Com a modernidade, os indivíduos passaram a buscar significados espirituais mais personalizados. Charles Taylor (2007) argumenta que a modernidade introduziu uma "era do *self*", onde a autenticidade e a autonomia se tornaram valores centrais. Nesse contexto, muitas pessoas abandonam religiões institucionais para buscar caminhos espirituais mais alinhados com suas experiências e valores pessoais.

Essa tendência é bastante notável entre os brasileiros, quanto ao crescimento do neopentecostalismo e nas práticas espiritualistas. Ricardo Mariano (2004) analisa como o neopentecostalismo incorpora elementos modernos, como o uso de mídia digital e estratégias de marketing, para atrair e engajar seus seguidores. Essas adaptações mostram como a modernidade não enfraqueceu a fé, mas a remodelou para dialogar com as demandas contemporâneas.

Sim, o fenômeno da modernidade, com ênfase mais acentuada no racionalismo, nas bases científicas e no individualismo, impôs novos e mais vigorosos desafios para a religiosidade vigente. Tal fenômeno, que impulsiona a secularização social, reduz a força das instituições religiosas prevaescentes à época, já que o "indivíduo" passa a ter mais autonomia quanto à escolha e definição do seu destino.

A ciência surge como grande questionadora dos fenômenos ditos "sobrenaturais", como milagres, por exemplo, apresentados pela religião. Tal fato é embasado, principalmente, pela exigência científica de evidências empíricas quanto a esses fenômenos extraordinários. Naturalmente que tal questionamento ampliou ainda mais as tensões entre a fé e a razão, o que se verifica existir nos dias contemporâneos, como um "eterno" dilema a ser solucionado, ainda.

Na realidade, não houve uma exclusão total da fé, no contexto social da humanidade moderna e pós-moderna, mas sim, algumas ressignificações da mesma, conforme se pode perceber a seguir.

- a. **Fé como Experiência Subjetiva:** A ênfase na individualidade fez com que a fé se tornasse uma experiência mais pessoal e menos dogmática. As pessoas buscam uma conexão mais autêntica e um sentido que ressoe com suas próprias vivências, muitas vezes priorizando a espiritualidade sobre a religião institucionalizada.
- b. **Fé e Razão em Diálogo:** Em vez de uma oposição intransponível, muitos buscam integrar fé e razão. A teologia, por exemplo, dialoga com a ciência e a filosofia, procurando novas interpretações das escrituras e dos dogmas à luz do conhecimento contemporâneo.
- c. **A Fé no Contexto Social e Político:** A fé tem sido cada vez mais vista como uma força motriz para a transformação social. Cristãos, e membros de outras fés, são encorajados a atuar na defesa dos direitos humanos, na luta contra a injustiça e na promoção da paz, utilizando os princípios de suas crenças como base para a ação social.
- d. **Comunidades de Fé Adaptadas:** As comunidades religiosas estão se adaptando aos tempos modernos. Muitas utilizam plataformas digitais para alcançar fiéis, realizar cultos *on-line* e promover eventos, criando um senso de pertencimento global. A tecnologia oferece novas formas de praticar e transmitir a fé, incorporando, por exemplo, realidade aumentada e virtual para experiências espirituais imersivas.
- e. **Fé como Fonte de Sentido e Resiliência:** Em um mundo complexo e muitas vezes incerto, a fé continua a ser uma fonte de esperança e consolo. Ela oferece um arcabouço de valores e princípios morais que ajudam as pessoas a navegar pelos desafios da vida, a encontrar propósito e a lidar com adversidades, proporcionando um apoio divino e incentivando o pensamento positivo.

Outro fato a ser considerado no quesito modernização e transformação religiosa na modernidade, é o de que a tecnologia desempenha um papel crucial na modernização da religião. O uso de plataformas digitais para cultos, estudos bíblicos e aconselhamentos religiosos cresceu exponencialmente nos últimos anos. Durante a pandemia de COVID-19, muitas igrejas e comunidades

religiosas recorreram às transmissões *on-line*, criando um paradigma de prática religiosa.

No Brasil, projetos como a "Rede Novo Tempo" exemplificam como a mídia pode ser usada para evangelização em larga escala. Além disso, aplicativos de meditação e espiritualidade, como o Headspace e o Insight Timer, tornaram-se populares entre pessoas que buscam conexões espirituais mais individuais e menos institucionalizadas.

Quanto à relação religião e sociedade moderna, Martelli (2006), assim se expressa:

Por sua vez, fé, piedade e misticismo aparecem como formas culturais que, embora tenham sido cristalizadas nas formações sociais pré-modernas, assumem importância crescente, a partir do surgimento da sociedade moderna, correspondendo à primeira diferenciação entre individualidade e consciência coletiva. MARTELLI (2006, p.50)

É indicado no texto do autor, que a religião assume papel preponderante na sociedade moderna, em termos de demonstrar a diferenciação entre posturas culturais individuais e coletivas.

3.1.3 Religião e política: conflitos e colaborações

Sempre houve uma relação muito próxima entre política e religião, em toda história humana, sendo essa relação sempre marcada por constantes conflitos e colaborações. Esse entrelaçamento trouxe e ainda traz muitos efeitos positivos e/ou negativos para a sociedade, a depender dos respectivos casos no tempo e no espaço geográfico. Na realidade, as próprias sociedades em geral, receberam e recebem tanta influência das religiões que acabam, na maioria dos casos, sendo moldadas por essas intervenções do clero e de outras lideranças religiosas pelo mundo. Governos, indivíduos e coletividades estão sempre sendo influenciados por essas forças sociais.

Há várias perspectivas possíveis para se analisar a relação entre política e religião e, dentre estas, destacam-se as seguintes:

- a. Interdependência complementar -> As forças político-governamentais sempre estiveram como que dependentes das influências e da força das religiões, legitimando governantes, estabelecendo códigos de conduta, em alguns casos, entrando com forças militares contra ou a favor de governantes, etc.
- b. Conflitos e rupturas -> Em muitos países, há uma tendência a se promover uma separação entre estado e religião, principalmente com o advento do conceito de estado laico, onde a sociedade é incentivada a viver plena liberdade religiosa, sem qualquer interferência governamental, mas, o que se tem presenciado pelo mundo, é a presença marcante, e cada vez mais intensa, das forças religiosas junto aos governos. Exemplos claros dessa condição, é o enaltecimento da religiosidade no atual governo norte-americano, bem como dos estados islâmicos, onde a religião é, essencialmente a base dos governos, senão, o próprio governo.
- c. Aparentamento -> Muitos governantes instrumentalizam as religiões (especificamente, as igrejas), com a intenção de garantir apoio a seus projetos, conclamar a sociedade para esta ou aquela intenção e respectivas decisões políticas, etc.

Conclui-se que religiosidade e política são forças que não se desligam, mantendo uma relação intensa e dinâmica. Apesar de que o ideal do estado laico seja a separação institucional para garantir a liberdade e a igualdade de todos, é inegável que a religião continua a influenciar a política e a sociedade. Os desafios residem em como gerenciar essa influência para que ela promova a colaboração e a construção de um bem comum, evitando os conflitos que surgem da imposição de dogmas ou da instrumentalização da fé para fins de poder. Um diálogo constante, o respeito à diversidade e a defesa dos direitos humanos são essenciais para se transitar nessa complexa interação.

3.2 CIÊNCIA, RELIGIÃO E SOCIEDADE

A História tem demonstrado que sempre houve uma relação muito intensa e dinâmica entre ciência, religião e sociedade, relação esta que tem gerado,

através dos séculos, situações conflitantes e também colaborativas, gerando debates e soluções sociais muito relevantes.

Enquanto a ciência tem por base investigativa a observação de fenômenos naturais por experimentações técnicas e raciocínio lógico e buscando, com isto, saber o “como” as coisas existem e funcionam, a religião apresenta variáveis transcendentais, por meio de crenças, rituais específicos, princípios de moralidade, sendo que tais variáveis buscam respostas não tanto para o “como” as coisas surgem e funcionam, mas “porquê” as coisas são como são, tendo a fé como base essencial.

Ciência, religião e sociedade estão intrinsecamente ligadas. A ciência e a religião são formas distintas, mas igualmente humanas, de buscar sentido e conhecimento. A sociedade, por sua vez, é o ambiente onde essas buscas se desenvolvem, influenciam-se mutuamente e moldam o futuro da humanidade. O desafio reside em promover um diálogo construtivo que permita que cada uma contribua para o bem-estar e o progresso humano, respeitando suas particularidades.

3.2.1 As proposituras da “Era Axial”

A ciência encarregada do estudo da história global, propõe que houve um período na história em que ocorreu uma ampla transformação em termos de espiritualidade e intelectualidade, em muitas civilizações pelo mundo. Tal fato está situado entre os anos 800 a 200 a.C., aproximadamente. Este fenômeno sociorreligioso é denominado de Era Axial, termo esse utilizado, inicialmente, por Karl Jaspers, cientista alemão.

Os estudos de Jaspers (1949) apontam que mesmo sem conexões diretas e intensas entre povos como chineses, indianos, judeus, gregos e persas, vários intelectuais (filósofos e religiosos, principalmente), mantinham abordagens e características muito semelhantes.

Nessa denominada Era Axial, substituíram-se muitas das formas de pensamentos e ideologias até então existentes, as quais eram embasadas, principalmente, em proposições míticas e ritualísticas. Dentre as principais

“inovações” advindas dessa ruptura com o estado convencional do pensamento, estão:

- a. Surge uma autoconsciência mais elevada nas pessoas, dando-lhes um senso mais realístico quanto às suas limitações e finalidades existenciais, ou seja, as pessoas passavam a ter uma consciência mais real quanto aos objetivos mais práticos e significativos de sua existência. Houve um despertar mais acentuado quanto à salvação, por exemplo; também quanto à importância de um comportamento mais adequado, em termos de ética e moral.
- b. As proposituras sociocomportamentais e religiosas até então existentes, relacionadas às tradições míticas e ritualísticas, passaram a ser amplamente questionadas, partindo-se para a procura por verdades mais aprofundadas, principalmente em relação ao materialismo e imediatismo predominantes. Tudo isto trouxe a necessidade de se implementar o senso da existência de uma divindade mais transcendente e ampla (em nível de universo), inclusive sendo entendido que esse próprio universo está sob uma ordem moral.
- c. Na Era Axial entram em cena muitos novos pensadores e líderes religiosos, que iniciam os grandes fundamentos religiosos e filosóficos hoje conhecidos.
- d. O refletir criticamente sobre os saberes existentes, bem como sobre as proposituras éticas e morais, se ampliaram consideravelmente, inaugurando novos formatos para o ato de pensar e de realizar discussões conscientes quanto à realidade existencial.
- e. Das bases vigentes da imanência, partiu-se para fundamentos mais amplos e significativos da transcendência, o que foi tido como algo muitíssimo superior e de valor amplamente mais elevado para a humanidade.

A Era Axial contou com grandes expoentes que trouxeram seus pensamentos e filosofias para a existência humana, conquistando povos e continentes. Dentre eles, pode-se destacar:

- a. Dos gregos, vieram nomes como Tales, Heráclito, Parmênides, os quais propuseram uma reflexão mais ampla e profunda sobre a ordem existente no universo como um todo. Tais nomes constam de uma lista de pensadores e filósofos que antecederam a Sócrates.
- b. Num período subsequente surgem outros grandes nomes da filosofia grega, como Sócrates, Platão e Aristóteles, os quais criaram a linha filosófica ocidental, enfatizando temas bastante amplos como a razão, o comportamento ético, a lógica, enaltecendo a verdade e o próprio conhecimento científico e racional.
- c. Ainda como forma de se provocar uma reflexão mais profunda sobre o comportamento ético e moral daquele período da história, surgem as famosas Tragédias Gregas (um gênero teatral que nasce na Grécia Antiga, contendo relatos bastante sérios e aprofundados sobre temáticas das principais essências da existência humana, como o destino, a própria vida, a moral e as dores e angústias).
- d. Na China e também na Índia, não foi diferente. Nomes como Confúcio e Lao Tsé ainda hoje influenciam significativamente muitas culturas e religiões atuais. O Confucionismo vem enaltecer, também, questões éticas e morais, bem como o ordenamento social, com ênfase na relevância da família e da organização estatal. Já o Taoísmo (Lao Tsé), era mais apelativo a uma convivência sintonizada entre pessoas e natureza, propondo um viver o mais simples possível, bem como a “estrada” do Tao. Outros seguimentos filosófico-religiosos afloram na China como o Moísmo, sendo que Mo Di cria, na China, por volta do quinto século antes de Cristo, essa escola de filosofia.
- e. Já a partir da Índia, vêm líderes pensadores como Buda, que propõe um viver de iluminação, a partir das quatro Nobres Verdades: a Verdade do Sofrimento; a Verdade da Origem do Sofrimento; a Verdade da Cessação do Sofrimento e a Verdade do Caminho para a Cessação do Sofrimento e do Caminho Óctuplo: pensamento correto; fala correta; ação correta; modo de vida correto; esforço correto; atenção plena correta e concentração correta. Também na Índia, surge o movimento filosófico-religioso denominado de Bramanismo, o qual antecede o amplo

movimento denominado Hinduísmo, tão difundido pelo mundo contemporâneo.

- f. Os profetas do judaísmo (desse período da história) também são classificados por Jaspers, como integrantes dessa ampla rede mundial de novos pensadores e líderes religiosos, os quais traziam suas mensagens de melhoria de comportamentos e de uma maior proximidade com Deus. Na visão do autor, temas como justiça, responsabilidade e comunhão com Deus se destacam. Também no Oriente Próximo surge um nome que ganharia uma grande amplitude: Zaratustra, que funda o movimento do Zoroastrismo, já citado anteriormente.

É a partir desses pensadores e líderes religiosos, bem como de seus movimentos de abrangência social e espiritual, que vêm impactos significativos nas religiões e filosofias contemporâneas. A compreensão sobre divindade(s), ética e moralidade, finalidades existenciais, convívio social, etc., é ampliada a partir dessas “intervenções” filosófico-religiosas da Era Axial.

Enfim, trata-se de um período tido como de grande força influenciadora da espiritualidade e da intelectualidade humanas. Ocorreu em distintas localidades e culturas do globo, produzindo reflexões e conclusões bastante próximas umas das outras, propondo estudos aprofundados sobre a condição humana como um todo.

3.2.2 Tensionamentos entre ciência e crenças religiosas

As relações entre ciências e religião sempre foram tensas e com tendência a mútuas exclusões. São muitas as vertentes de pesquisa sobre o assunto, com visões multivariadas e as perspectivas variam amplamente entre diferentes tradições religiosas, correntes filosóficas e áreas da ciência.

Assim que as ciências começaram a se desenvolver e ampliar suas revelações sobre o mundo natural, dando à sociedade “outras respostas”, além daquelas advindas das religiões e, conseqüentemente alcançando desta uma

confiabilidade mais ampla e intensa, se iniciaram, também, as tensões entre as duas dimensões (ciência e religião).

Há alguns exemplos de conflitos mais acirrados entre elas e que em casos mais severos, culminou até mesmo com a condenação à morte de muitos pesquisadores cientistas, por parte da igreja.

- a. A Terra como centro do universo x O Sol como centro do sistema solar
Galileu Galilei; Nicolau Copérnico; Johannes Kepler; Isaac Newton
- b. Evolucionismo x criacionismo
Charles Darwin; Alfred Russel Wallace; Jean-Baptiste Lamarck; Thomas Hunt Morgan, Ronald Fisher e Theodosius Dobzhansky
- c. Teoria do Big Bang x criacionismo
Georges Lemaître, Edwin Hubble e Alexander Friedmann; Fred Hoyle; Arno Penzias e Robert Wilson

Naturalmente que essas duas dimensões têm suas diferentes perspectivas de investigação, sendo que a ciência procura por entendimentos específicos do mundo natural, desde as origens dos elementos naturais, passando por sua constituição estrutural, e seu consequente funcionamento, chegando também às interações entre os elementos naturais, como por exemplo, as células e os tecidos nervosos, os movimentos de rotação e translação do Sol e da Terra, as fórmulas matemáticas e físicas, etc.

Já a religião, conforma salientado anteriormente, não tem como base debruçar-se sobre questões científicas, em laboratórios e experimentos, para propor suas respostas quanto à vida e suas dinâmicas interrelacionais, mas sim, basear-se em ensinamentos advindos de expoentes religiosos consagrados através dos séculos, em textos sagrados e em outras dimensões transcendentais do mundo espiritual (ciência, mundo natural).

Sobre as relações entre ciência e religião, Salles assim se expressa:

Ciência e religião parecem termos opostos e inconciliáveis. Não por acaso, procurando muitas vezes anular-se reciprocamente, os termos se conservam, em muitos sentidos, como complementares. Assim, suas dimensões se

atraem e se repelem mutuamente, talvez por sua natureza, em ambos os casos, visar à universalidade, cobrando ambas dos praticantes uma adesão íntima. Em muitos momentos, parecem constituir visões de mundo incomensuráveis, cujos interesses e procedimentos levariam a respostas e problemas imiscíveis. Por vezes, porém, parecem conviver e, mesmo, se solicitar, como se, juntas, satisfizessem a necessidades da vida humana. Não raro, um campo almeja a suficiência por caminhos perigosos, como os que levam a idolatrar a razão, chamada, então, a proferir respostas científicas aos mistérios da vida, ou os que, ao contrário, pretendem limitar a investigação científica, em função de acordos que sequer passariam pela manifestação dos interesses da comunidade, pois firmados antes com o sagrado ou o divino. SALLES (2013, p.1)

Fica evidente que há, sim, uma relação intensa entre as duas áreas, ciência e religião, sendo que em alguns contextos, se constroem distanciamentos e, em outros, aproximações, como será analisado mais adiante.

Em resumo, enquanto tensões podem surgir quando há interpretações rígidas de um lado ou de outro, a relação entre ciência e religião é muito mais fluída do que um simples conflito. O diálogo e a compreensão das diferentes esferas de atuação de cada uma são fundamentais para uma convivência mais harmônica.

3.2.3 A contribuição da ciência para a compreensão religiosa

Apesar das divisões e dos enfrentamentos entre ciência e religião, há também ocasiões de contribuição mútua. A ciência acaba revelando informações muito significativas que, para o mundo espiritual (religiosidade), vêm como contributos para a confirmação daquilo que a fé ensina (criacionismo, por exemplo). Longe de pretender validar ou invalidar tais proposituras da fé religiosa, as descobertas científicas servem de base para se reforçar muitas das crenças em Deus (ou em outras divindades aceitas e reverenciadas).

A seguir, são apresentadas algumas ciências com suas respectivas contribuições para a religião:

- a. História, Antropologia e Arqueologia -> muitas têm sido as revelações dessas ciências que confirmam ensinamentos bíblicos. Por exemplo, muitas civilizações apontadas na Bíblia, inclusive com os respectivos governantes, períodos de tempo, domínios, etc., têm sido confirmadas por essas três vertentes científicas. Um exemplo bastante sólido, são a sequência de reinos superiores, indicados em profecias de Daniel: Babilônia -> Medo-Pérsia -> Grécia -> Roma, devidamente confirmados pela História, inclusive com a divisão do Império Romano em 10 reinos, no século V.
- b. Psicologia e Neurociência -> Descobertas científicas relacionadas à mente humana têm apontado efeitos/resultados positivos advindos das práticas religiosas (oração, meditação e práticas beneficentes), em pessoas com determinados transtornos. Áreas cerebrais são ativadas quando dessas práticas promovendo, inclusive, redução de sintomas relacionados a certos distúrbios emocionais. A psicologia da religião explora temas como a formação da crença, o papel da religião na saúde mental, os mecanismos psicológicos por trás da conversão ou do fanatismo, e como a fé pode influenciar o comportamento e a cognição.
- c. Sociologia -> Tem-se comprovado, pelas investigações científicas da Sociologia (e da Antropologia também), que a religião, por meio de suas práticas, tem alterado significativamente muitos contextos sociais, desde melhorias na condução de muitas dinâmicas familiares, até de comunidades e sociedades inteiras. Maiores amplitudes dessa dinâmica podem ser revisitadas no Tópico 2.1.1 Funções Sociais da Religião na Comunidade e demais tópicos da Unidade 2.

Vale ainda destacar que tais contributos vão visar desmistificar ou desvalorizar a fé. Pelo contrário, ao fornecer um entendimento mais aprofundado dos aspectos históricos, psicológicos, sociais e cognitivos da religião, a ciência pode enriquecer o diálogo, desafiar interpretações simplistas e, para muitos, até mesmo aprofundar a apreciação pela complexidade e resiliência do fenômeno religioso.

3.2.4 Diálogos contemporâneos entre ciência e religião

De acordo com o apresentado no tópico anterior, muitas têm sido as convergências contributivas entre ciência e religião nos dias atuais. Muitos estudiosos, teólogos e cientistas buscam pontos de convergência e formas de contribuições mútuas.

Um exemplo dessa aproximação está no fato de que a Teoria do Big Bang tem sido aceita no meio cristão, como sendo uma possibilidade plausível do “como Deus deu início ao universo”. Nesse caso, crê-se que realmente Deus é eterno, mas que deu um início ao universo, por meio de sua onipotência, onisciência e onipresença.

Outra aceitação religiosa de proposituras científicas é a da Teoria da Evolução, hoje amplamente aceita também no mundo cristão. No mesmo argumento do Big Bang, Deus teria iniciado uma forma de vida, e proporcionado à mesma, suas múltiplas possibilidades evolutivas.

Também o “fine-tuning” tem sido mais uma opção de aproximação entre ciência e religião. Esse “ajuste fino” existente nos princípios físicos do universo, tem sido motivo de diálogos entre cientistas e religiosos, já que enquanto a religião ensina a existência de um criador e que é Ele pleno de perfeição, tendo dado ao universo toda sua estrutura inteligente, a ciência tem reconhecido essa linha tão perfeita das constantes físicas existentes, reconhecendo a necessidade de muitas mais investigações experimentais para se explicar que não há um caos em andamento na expansão do universo, mas sim, uma ordem perfeita.

Como essas, há muitas outras convergências científico-religiosas acontecendo na contemporaneidade. O diálogo contemporâneo entre ciência e religião não busca fundir as duas disciplinas em uma só, nem submeter uma à outra. Em vez disso, a intenção é explorar como ambas podem contribuir para uma compreensão mais completa da realidade, respeitando suas respectivas metodologias e esferas de atuação. É um esforço contínuo para construir pontes, em vez de muros.

INDICAÇÃO DE VÍDEOS

CIÊNCIA, RELIGIÃO E SOCIEDADE

<https://www.youtube.com/watch?v=DJKAuZoXuXQ>

CIÊNCIA E RELIGIÃO ATRAVÉS DA HISTÓRIA

<https://www.youtube.com/watch?v=U5S20YkuOIA&list=PLmD7W3ZjgnW7SXYMKg4C4gYLEDQx3gObB&index=1>

LEITURAS COMPLEMENTARES

RELIGIÃO E CIÊNCIA

https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/55419/55419_4.PDF

RELIGIÃO E SOCIEDADE

<https://www.scielo.br/j/rs/a/WKHQBg87QZjzbGt7WsPgGyz/?lang=pt&format=pdf>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há fortes relações entre a religião e as instituições sociais. Religião é um fenômeno social por natureza, significando muitas influências no dia a dia de qualquer sociedade. A religião faz parte da lista de instituições sociais mais relevantes da sociedade, juntamente com família, educação, política e economia. Comportamentos sociais individuais e coletivos são afetados pelos valores e princípios religiosos.

Por meio de muitos movimentos religiosos, instituições sociais foram criadas e são mantidas, como instituições de ensino, instituições hospitalares,

agências de caridade/beneficência, entre outras, sendo que tais organizações religiosas têm significado soluções relevantes para muitas sociedades ao redor do globo. São, muitas vezes, instituições com séculos de existência, e ainda, em muitos casos, contadas aos milhares de unidades pelo mundo.

Através da religião e de suas instituições sociais, muitas transformações são realizadas no meio social, desde nações, até comunidades mínimas e geograficamente isoladas.

Enquanto a ciência é um sistema de conhecimento baseado na observação, experimentação, formulação de hipóteses e comprovação, e que busca explicar o “como” dos fenômenos do mundo natural, a religião é um sistema de crenças que envolve o sagrado, o transcendente, os valores morais e a fé. Pela religião, tenta-se responder ao “porquê” da existência e ao sentido da vida.

Em função dessa grande distinção existente entre as duas dimensões humanas (ciência e religião), tem havido conflitos, mas também cooperações mútuas entre elas, no sentido de, por um lado, divergências conceituais e, por outro, também de complementaridades. Há quem veja um espaço de colaboração, onde a ciência fornece meios e a religião, os fins. Muitos cientistas são religiosos e conciliam fé com razão. Algumas correntes filosóficas e teológicas buscam integrar ciência e religião como duas formas diferentes, mas legítimas, de conhecer a realidade.

A ciência e a religião podem entrar em conflito quando tentam responder à mesma pergunta com lógicas opostas, mas também podem dialogar quando respeitam os limites e o papel uma da outra. O ideal é buscar o respeito mútuo, a abertura ao diálogo e uma compreensão mais profunda do ser humano e do universo.

HORA DE REVISAR

Na presente Unidade, foi possível constatar a relação intensa entre a religião e as instituições sociais, sendo que movimentos religiosos diversos têm criado e mantido muitas instituições de cunho social, além das suas estruturas

religiosas propriamente ditas. São escolas e hospitais, centros de obras beneficentes e de treinamentos e capacitações, núcleos de aconselhamento pessoal e familiar, etc.

Outro contexto de intersecção que se pode constatar entre religião e instituições sociais é o da política e da economia. Conforme se expressou anteriormente: Esse entrelaçamento trouxe e ainda traz muitos efeitos positivos e/ou negativos para a sociedade, a depender dos respectivos casos no tempo e no espaço geográfico. Na realidade, as próprias sociedades em geral, receberam e recebem tanta influência das religiões que acabam, na maioria dos casos, sendo moldadas por essas intervenções do clero e de outras lideranças religiosas pelo mundo. Governos, indivíduos e coletividades estão sempre sendo influenciados por essas forças sociais.

Foi trabalhada, também, a dinâmica da relação entre ciência e religião, sendo explicadas as características de cada uma dessas grandes dimensões sociais, bem como os pontos em que ambas dialogam, se complementam e criam um ambiente de mútuas contribuições, e também ficou explicado que há muitos pontos de divergência entre elas, o que tem causado conflitos, ora mais amenos e ora mais severos.

Estão citados no texto, exemplos reais de convergências entre ciência e religião, bem como exemplos de divergências, também. Mas, enquanto tensões podem surgir quando há interpretações rígidas de um lado ou de outro, a relação entre ciência e religião é muito mais fluída do que um simples conflito. O diálogo e a compreensão das diferentes esferas de atuação de cada uma são fundamentais para uma convivência mais harmônica.

REFERÊNCIAS

FERRARI, Márcio. **Émile Durkheim, o criador da sociologia da educação**. Revista Nova Escola. Outubro de 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/456/criadorsociologia-educacao>. Acesso em ago/2017.

JASPERS, Karl. **Vom Ursprung und Ziel der Geschichte**. (Da Origem e Meta da História) Alemanha: Schwabe, 2016.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTELLI, Steffano. **A religião na sociedade moderna**. Ciberteologia - Revista Teologia e Cultura. Edição 07 - Ano II - Setembro/Outubro 2006 - ISSN 1809-2888.

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios**: A Ciência Vista como uma Vela no Escuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SALLES, João Carlos. **Ciência e religião**: Introdução. Salvador: UFBA, 2014.

TAYLOR, C. **A Secular Age**. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

UNIDADE 4: DIVERSIDADE CULTURAL E RELIGIOSA NO BRASIL – NUANCES RELIGIOSAS E SOCIOLÓGICAS

4.1 FUNDAMENTOS DA FORMAÇÃO CULTURAL

A formação cultural envolve muito dinamismo e multivariadas, sendo composta de essencialidades para a construção daquela identidade individual e coletiva das sociedades. Suas bases estão na interação contínua das pessoas com o seu ambiente social, histórico e material. Um dos fundamentos principais é a linguagem que, além de possibilitar toda comunicação, ainda formula os pensamentos e transmite valores, crenças e conhecimentos agregados durante as gerações. Por meio da formação cultural, os discursos, os mitos e as histórias são perpetuados, modelando a compreensão que todos alcançam, do mundo.

4.1.1 Definindo cultura

A cultura é um conceito que indica a identidade de um povo, em função dos seus diversos componentes. Cada grupo de pessoas constitui características próprias, as quais compõem e indicam seus costumes e demais fatores de identificação. Trata-se de um conceito bastante rico e complexo, justamente por conter essa quantidade imensa de variáveis, bem como por estar em constante dinâmica, com o passar do tempo. Em outras palavras, a cultura, apesar de conter elementos mais perenes e duradouros, tem também seus elementos mutáveis, que vão-se alterando com o passar do tempo e de acordo com as interações havidas com outras culturas.

O termo “cultura” tem suas raízes no Século XVIII, na língua francesa e, na sequência, sendo incorporada à língua alemã, como *Cultur* e *Kultur*. Inicialmente, o termo designava o aprendizado e a prática de artes, letras e ciências, sendo que depois, passou a designar o estado da pessoa que adquiriu

conhecimentos específicos (pessoa culta; detentora de cultura escolástica). Trata-se de um dos frutos do Iluminismo, que propõe a razão como sendo o ápice da capacidade humana de aprender, se desenvolver; evoluir. Este era o pensamento prevalecente naquele período. CUCHE, (2002).

“Cultura” passou a designar também “civilização”, já no Século XIX, designando ainda o desenvolvimento da humanidade, que passava de uma condição “selvagem”, para uma de ordenamento e racionalidade. THOMPSON, (2009).

Desde o princípio da humanidade, houve a necessidade de os grupos que se iam formando, estabelecer características próprias em diversas dimensões existenciais, como a gastronomia e o vestuário, por exemplo. No próximo tópico serão apresentados outros componentes culturais de distinção entre um povo e outro. Ocorre que em função das demandas de cada região, havia e há a necessidade de adaptações: em uma região onde o frio é extremo e severo, por exemplo, a cultura relacionada às duas dimensões citadas anteriormente (gastronomia e vestuário), exigirá ações específicas que permitam a sobrevivência, sendo estas ações, elementos que comporão a cultura ali prevalescente.

Nesse caso, trata-se da interação com o ambiente e de umas pessoas com outras, que vão estabelecendo essas posturas culturais. Em cada localidade ou região, há uma certa postura em relação à caça, por exemplo, não só nos primórdios da humanidade, mas como também hoje, onde essa prática de subsistência seja comum e necessária. Em toda essa dinâmica existencial de cada coletividade humana, em qualquer tempo e em qualquer espaço (local, região, etc.), foram e são moldados os hábitos e costumes daquele grupo específico. Isto, é a formação cultural.

Ainda quanto à formação cultural de cada povo, há que se ressaltar que as práticas do dia a dia, em quaisquer dimensões da vida, vão se consolidando em tradições próprias, as quais sedimentam a cultura e são compartilhadas de geração para geração.

Pela capacidade criativa do ser humano eram e são criadas novas soluções, que são absorvidas pela sociedade e passam a compor sua base cultural. Exemplo: inovações ferramentais e tecnológicas, processos produtivos

rurais, tratamentos de saúde, melhorias no transporte, fundamentações políticas, etc. Tais novos elementos sempre levavam a novos métodos de organização social dos grupos, bem como a intra e a interrelação grupal, o que, por sua vez, vinha a significar, em muitos casos, o próprio processo de expansão territorial e cultural.

O conceito de cultura, de acordo com Santos (2011), é:

Um processo cumulativo de conhecimentos e práticas resultantes das interações, conscientes e inconscientes, materiais e não-materiais, entre o homem e o mundo em que vive; um processo de transmissão pelo próprio homem, de geração em geração, das realizações, produções e manifestações, que ele efetua no meio ambiente e na sociedade, por meio de linguagens, história e educação, que formam e modificam sua psicologia e suas relações com o mundo e com os seres humanos, da própria cultura a que ele pertence. Santos (2011, p.29)

Tal assertiva revela que realmente “realizações” e “interações” são palavras-chave para a conceituação do termo “cultura”. Assim, entende-se que todas as realizações pessoais e coletivas, sejam elas materiais ou imateriais, significarão, necessariamente, fatores de construção cultural, pelo fato de não serem contidas por fronteiras as tais realizações e que, logo, quando ocorrem os contatos socioculturais, há trocas de informações que vão influenciar a transformação cultural, mutuamente.

É certo que não se pode tratar do assunto cultura, sem fazer uma ligação com a dimensão denominada geografia. Sim, a geografia de cada região foi e tem sido um fator preponderante na formação cultural. Diferenças como clima, precipitações, desertos, montanhas, fartura ou escassez de água, entre outros, certamente que influenciam a formação cultural. A própria constituição das línguas, por exemplo, está bastante relacionada a fatores geográficos, sendo que para muitos povos havia e ainda há, isolamentos geográficos, distanciamentos excessivos, etc. Isto, é claro, contribui para formações culturais distintas de povos que vivam em locais sem essas características. Certas sociedades se formam numa fundamentação mais agrária, por exemplo; outras,

mais urbanas e industriais, outras, ainda, mais voltadas a aspectos turísticos, religiosos e eventos internacionais.

A cultura ainda conta com outro fator de formação: as trocas culturais, as quais ocorrem por fatores diversos como guerras, migrações, intercâmbios educacionais e comerciais, viagens e turismo, ações religiosas missionárias, tecnologias de comunicação de massa, entre outros. Todas essas variáveis trazem muitas contribuições influenciadoras interculturais, ampliando a dinâmica das transformações nas respectivas culturas.

A ideia é que os fatores culturais criem uma força de atração e de interrelação entre os indivíduos que constituem os grupos sociais. Essa atração vai gerar uma proximidade e um senso de mútuo apoio entre as pessoas, de tal forma que isto passe a ser elemento essencial da própria existência daquela coletividade, levando, muitas vezes, até mesmo a animosidades entre grupos distintos, em função de ter ocorrido uma afronta cultural por exemplo, o que passa a ser tido como ofensa grave. Ou seja, a cultura tem esse peso social tão estabelecido que um certo ataque a alguma de suas características, poderá sim gerar desentendimentos mais, ou menos severos. Mas a intenção principal, é claro, é que os povos façam suas trocas culturais e que, com isto, sejam mais enriquecidos, culturalmente falando.

4.1.2 Composição da cultura

É grandiosa e extensa a amplitude do conceito de cultura. Sua riqueza de abrangência alcança diversas nuances, passando, por exemplo, pelos costumes estabelecidos, bem como as crenças e os princípios adotados. A seguir, são apresentados elementos e/ou aspectos componentes do conceito de cultura de uma coletividade:

- a. Valores
- b. Práticas gerais
- c. Artes; Artesanato
- d. Tradições religiosas
- e. Estruturas familiares
- f. Funções políticas e econômicas

- g. Saberes e conhecimento científicos
- h. Soluções tecnológicas
- i. Legislações e regras de conduta
- j. Princípios morais
- k. Princípios relacionais
- l. Linguagens
- m. Alimentação
- n. Vestuário
- o. Folclore, expressões culturais e festividades
- p. Hábitos corriqueiros, entre outros.

Tais elementos são indicativos próprios de uma certa sociedade, devendo os seus integrantes não só apreciá-los como também vivenciá-los em seu dia a dia, demonstrando, assim, para “outras sociedades”, como é o viver ali, em seu contexto temporal e geográfico, lembrando ainda de um fator imprescindível no contexto da cultura de um povo: todos esses aspectos devem ser e são repassados de geração a geração, garantindo-se sua perpetuidade e a respectiva consolidação daquela identidade social.

A cultura, naturalmente, nunca é uma composição social inalterável, mas, pelo contrário, é bastante dinâmica e passível de constantes mudanças e inovações, sendo que, é claro, alguns dos aspectos culturais de um povo se mantêm como perenes, atravessando séculos sem serem alterados. Um dos fatores que mais promovem alterações culturais é a troca entre povos, de elementos culturais como a gastronomia e as interações tecnológicas, por exemplo.

A cultura conta também com uma outra dinâmica que a faz ainda mais enriquecedora. Trata-se da existência, dentro de uma grande sociedade, de grupos de menor expressividade, mas que mantêm suas próprias características culturais, sendo estas as subculturas, as quais se apresentam como forças culturais “menores”, dentro de uma cultura maior, dominante.

Por meio da cultura, é possível constituir a identidade própria de um grupo social (povo), a qual a torna distinta de outros povos, de tal forma que toda diversidade da humanidade se identifica justamente pelo indicativo cultural.

Assim, pode-se entender que apesar de haver muitas variáveis nos componentes de uma cultura, há alguns que são mais relevantes e impactantes nessa formação. Vejamos a caracterização deles:

- a. **Valores e princípios:** Constituem os fundamentos daquilo que a coletividade em questão considera mais relevante e digno de ser mantido, no que tange ao padrão de comportamento individual e coletivo. Por meio de valores e princípios, as escolhas e atitudes das pessoas são moldadas e conduzidos. Trata-se de fundamentos sólidos como o direito de liberdade, a ética e a moral, a postura igualitária e honesta, entre outros.
- b. **Normatizações e regulamentações:** Tudo o que seja o mais apropriado possível para a respectiva coletividade (comunidade, grupo, povo, etc.), é formalizado e estabelecido como regramento para o viver coletivo. Há ainda normas e regras que são formuladas no modo informal, ou seja, não escritas em leis e regulamentos. São os hábitos e costumes não definidos oficialmente, mas conscientemente. Com isto, as pessoas saberão como podem agir nas dinâmicas do seu dia a dia.
- c. **Simbologias:** As culturas têm criado e mantido, ao longo dos milênios, alguns objetos para sua veneração, admiração e referenciação. São os símbolos que lhes trazem sua peculiar significação (podem ser expressões verbais, gestuais, representações visuais, sendo que os mesmos, naquela cultura em si, trarão a ideia de valores, princípios, crenças ou crendices, simbologias históricas, entre outros). A bandeira de um povo, por exemplo, traz exatamente esses significados e valores. Outro exemplo: para um determinado povo, a cor vermelha terá um significado bem particular, sendo que para outro povo, a mesma cor traz outros significados totalmente distintos.
- d. **Comunicação linguística:** Obviamente que um dos elementos mais fortes de uma cultura, é o tipo de linguagem e de dialetos que esta adota e mantém, para efetivar seu processo comunicacional. A linguagem de um povo é expressa de forma verbal e não-verbal, permitindo-lhe a troca permanente de sentimentos, expressões diversas, concepções gerais, fatos da experiência diária e informações em geral (troca de conhecimentos, por exemplo). É pela linguagem que expressamos todo

nosso pensamento e também como vivenciamos nossas percepções do nosso contexto existencial. É bastante comum constatar situações desconfortáveis ou até mesmo que envolva agressividades, em função de palavras ou gestos expressos em outra cultura, sendo que lá, são elementos detestáveis e, aqui, totalmente bem-vindos.

- e. **Convicções e cosmovisão:** São constituídas pelas crenças obtidas e manifestadas pelos indivíduos de um povo, as quais são tidas como fundamentos verdadeiros da existência e das relações interpessoais e intergrupais em termos de fé, religiosidade, crenças científicas, tradicionalismos, ou seja, a própria visão de mundo ali estabelecida e cultivada. Muitas ou quase todas as decisões podem estar sendo tomadas com base nas crenças e visões de mundo que aquela comunidade tem, pois é com base nelas que as pessoas dão interpretações à sua realidade. Há sociedades em que, por exemplo, a crença e manifestação em certos seguimentos religiosos são consideradas crimes passíveis de aprisionamento, tortura e, em certos casos, até mesmo de condenação à morte. Tal é a força cultural que se estabelece em determinados povos.
- f. **Objetos manufaturados:** Podem compor um conjunto de ferramentas, armas, artes, utensílios, registros escritos, tecnologias, etc. O que se deve ter em mente aqui, é que esses artefatos transmitem, em sua essência, características culturais de certo povo. Achados arqueológicos têm comprovado esse tipo de manifestação cultural, incluindo costumes de arquitetura, engenharia, artes, gastronomia, vestuário, religiosidade, militarismo e economia. São itens que indicam as soluções que cada povo encontrou ou encontra, para suprir suas necessidades cotidianas.

Esses e outros componentes culturais dos povos formam uma identidade quase única, havendo, em alguns casos, em função das trocas culturais já citadas, uma ou outra coisa em comum, de igual forma e para igual finalidade, sendo que, geralmente, os itens e fatores socioculturais, em sendo “juntados”, dão aquela identidade única à coletividade em questão. Numa linguagem mais atual, seria aquele “kit cultura”, com toda sua originalidade e exclusividade.

4.1.3 Caracterizando a cultura

Pense em uma indústria automobilística na qual estão sendo montados veículos, e que essa “construção” inclui, obviamente, a sobreposição de peças e sistemas, itens de conexões e travamentos, elementos da parte elétrica e eletrônica, ou ainda do acabamento em geral. Tudo sendo agregado de forma organizada, para que o resultado seja o melhor possível. Pois bem, o resultado é um veículo que traz, acima de tudo, uma “identidade” própria e única. Da mesma forma, o resultado constitutivo de uma cultura também é alcançado pela sobreposição de diversos fatores e elementos, os quais também significarão uma identidade própria e única. Essas “peças” são as características de uma cultura.

Elas podem ser identificadas a partir de variáveis de formação, como as seguintes:

- a. **Aprendizagem geral** -> A formação cultural é alcançada não por indivíduos, unicamente, mas, sim, por um conjunto de personagens que, através do tempo, vão transmitindo ensinamentos/conhecimentos essenciais da cultura vigente, para gerações subsequentes. Essa transmissão ocorre de muitas formas, sendo que as principais são: educação formal e informal, transmissões intra e interfamiliares, instituições oficiais ou religiosas, atividades de lazer ou esportivas e também de organizações comunitárias. Esse aprendizado acontece por meio de usos e costumes, e dos demais elementos já identificados no tópico anterior, no decorrer de toda nossa existência.
- b. **Integração e compartilhamentos** -> Quando ocorre o compartilhar de princípios e valores, de ideias, pensamentos, sentimentos e crenças. A essência do conceito de cultura requer esse procedimento para se configurar dessa forma. Assim, um grande número de indivíduos, conectados por um certo grau de similaridades (localidade onde vivem, ascendências, usos e costumes, entre outras), compartilhando esses e outros elementos, formam sua cultura coletiva, sendo que assim nasce

esse senso de integração e conexão, de aceitação e valorização. Pois bem, isto é a identidade coletiva que é criada e estabelecida.

- c. **Prática de simbolismos** -> Outra característica importante de uma cultura é a composição de suas simbologias, conforme já descrito no tópico anterior (Simbologias). Toda cultura tem suas manifestações simbólicas, as quais têm seu devido valor de importância e relevância para sua constituição e expressividade interna e também para com outras culturas.
- d. **Grau de abrangência** -> Absolutamente todos os fatores e variáveis da existência humana, são aglomerados naquilo que conhecemos como “cultura”. Conforme descrito nas preferências de constituição política e econômica, artes e entretenimentos, ou seja, a abrangência é plena, no tocante à vivência coletiva de cada grupo ou povo.
- e. **Atividade e dinamismo** -> Outra característica relevante das culturas é sua “efervescência” ou “ebulição”. Em outras palavras, toda cultura passa por transformações constantes, pelo seu fator de dinamismo. Cada geração acaba por trazer inovações e mudanças culturais, dando àquele momento histórico uma caracterização que poderá não ser mais tão evidente nas gerações seguintes. Não há estática quando o assunto é cultura. As preferências relacionadas a artes, por exemplo, sofrem permanentes alterações. Basta olhar para a sequência dos tipos musicais que existem hoje, em relação às gerações anteriores. Tudo mudou nesse sentido.

Uma característica de elevada importância da cultura, é a interligação ou integração que existe entre seus componentes, promovendo influências mútuas entre si. Um exemplo clássico dessa integração/interação e influências é o caso dos costumes relacionados a questões da religiosidade que, em muitos povos, acabam influenciando métodos e governo e proposituras legislativas. Isto tudo, por sua vez, influencia outras dimensões sociais, como a constituição e condução familiar e seus desdobramentos.

“As culturas são organizadas por sistemas ou códigos de significação, que dão sentido às ações. Por isso, qualquer que seja a ação ou prática social, ela é

cultural, pois expressa significados e, por isso, é prática de significação”. GODOY, (2014, p.37). O autor destaca, de forma bastante clara, que a cultura está relacionada mais diretamente a “significados”, o que implica em que aquele grupo ou povo, tem nos seus fatores culturais, a sua própria significação existencial, e que seu desenvolvimento e avanço histórico estão a isto condicionados. É sua “marca” significativa de identificação.

A cultura não tem um sentido de unificação geral dos povos, mas sim de distinção e peculiaridade próprias e específicas, não significando isto, que deva haver hostilidades entre os povos, mas sim respeito e consideração pelas manifestações culturais de cada um. É claro que há manifestações culturais que extrapolam as fronteiras do bom-senso, como atos de preconceito, exclusão social e violência, por exemplo. Cada cultura tem sua caracterização própria, podendo até haver divergências, mas não implicando isto, em superioridade ou inferioridade entre manifestações culturais.

Conclui-se que, conforme entendimento até aqui alcançado, a cultura é um “bem social”, podendo ser designada de “patrimônio social”, já que contém riquezas altamente valorosas para cada grupo ou povo. Tem ela, uma elevada complexidade, pois condensa inúmeras variáveis com seus diversos significados e ensinamentos. Sim, pode-se inferir que, assim como outros patrimônios de um povo (terras, economia, bens minerais, forças de segurança, potencial turístico, etc.), a cultura assume destacada posição quanto ao seu valor intrínseco e característica identificadora.

4.2 MOVIMENTOS RELIGIOSOS NO BRASIL

A diversidade religiosa no Brasil apresenta-se como um mosaico dinâmico e multivariado, refletindo tanto as transformações culturais quanto as mudanças nos perfis demográficos da população. Este fenômeno pode ser compreendido a partir de quatro aspectos centrais: a distribuição dos grupos religiosos, a queda do número de católicos concomitante à ascensão do Movimento Carismático, o crescimento do Pentecostalismo e o aumento expressivo dos “sem-religião”, especialmente entre os jovens.

4.2.1 Estatísticas dos movimentos religiosos brasileiros

Os censos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) oferecem uma radiografia da pluralidade religiosa no Brasil. A edição mais recente revelou a distribuição entre católicos, evangélicos, adeptos de religiões afro-brasileiras, espiritismo, outras crenças e os "sem-religião". Essa diversidade evidencia um país em constante transformação, onde fenômenos como urbanização e globalização exercem influência direta sobre as opções religiosas (CAMPOS, 2018, p. 45).

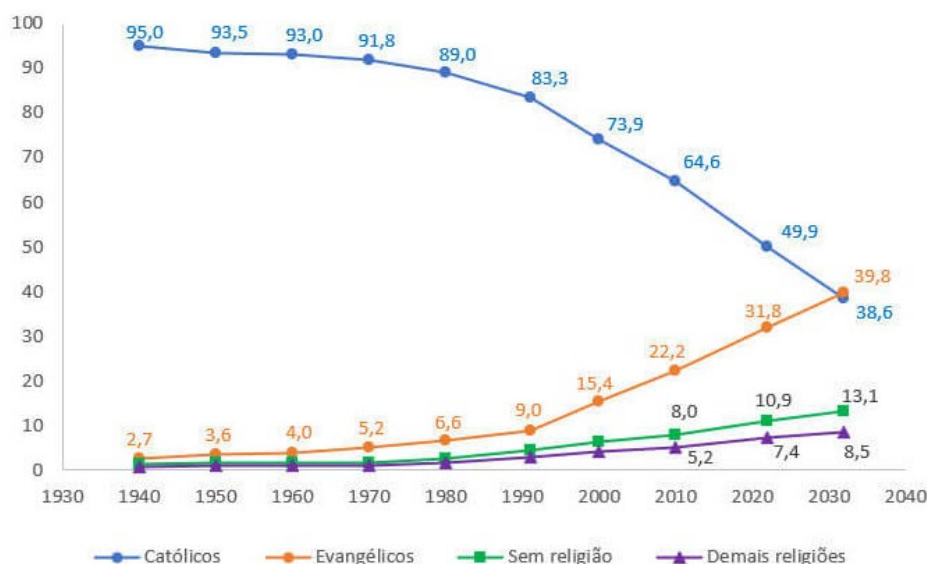
A seguir, serão apresentados dados estatísticos referentes aos movimentos numéricos de crescimento e/ou redução nas quantidades populacionais e de adeptos à fé cristã evangélica, no Brasil.

Cristianismo (católicos e evangélicos) alcança 60% da população brasileira, em 2024, sendo que a quantidade de fiéis católicos é a maioria, vindo na sequência, o público evangélico, que chega a 35% da população. Na sequência, vêm os que declaram não ter religião, os quais somam 11% da população total do Brasil. IBGE, (2024). Já o Datafolha (2024), traz os seguintes dados estatísticos: 50%, católicos; 31%, evangélicos e 10%, sem-religião.

Outros dados do Datafolha (2024): Espírita: 3%; Religiões afro-brasileiras (Umbanda, Candomblé, etc.): 2%; Outras: 2%; Ateu: 1% e Judaica: 0,3%.

O Gráfico 1 apresenta dados estatísticos do IBGE sobre a evolução quantitativa das religiões no Brasil, incluindo uma projeção da mesma para até 2032.

GRÁFICO 1 – PROJEÇÃO RELIGIOSA NO BRASIL 1940 A 2032



Fonte: IBGE, Censos demográficos 1940 – 2010; Projeção 2020 – 2032.

A projeção indica que os evangélicos serão maioria, em relação aos católicos, já no ano de 2032, e ainda que haverá uma elevação das pessoas que professam não ter religião. De acordo com as pesquisas do IBGE, a Região Norte do Brasil concentra a maior quantidade de estabelecimentos religiosos, em relação à população.

4.2.2 Igreja católica e movimento carismático

Desde a década de 1980, o catolicismo brasileiro tem experimentado uma redução no percentual de adeptos. Dados apontam que o Movimento Carismático, surgido como resposta interna às mudanças religiosas e culturais, desempenha um papel central na retenção de fiéis (Gonçalves, 2015, p. 87). Essa corrente, que enfatiza experiências espirituais e o louvor, tem contribuído para revitalizar a Igreja Católica, ainda que não tenha impedido a migração de muitos fiéis para igrejas evangélicas.

Um dado estatístico relevante é que o número de católicos tem diminuído no Brasil, nos últimos anos, aliás, desde o século passado. Eram 100% de católicos, no final do Século XIX, chegando a 51%, nos anos 2020. As principais causas apontadas para essa queda no número de fiéis são:

- a. A ascensão numérica de outras denominações religiosas, com destaque para o seguimento evangélico, e ênfase nos pentecostais e neopentecostais;
- b. A elevação do número de pessoas que não têm religião declarada;
- c. Esfriamento dos fiéis católicos, no espírito de engajamento e luta pela sua fé (maior passividade);
- d. Redução das intenções vocacionais para a formação de novos sacerdotes;
- e. Elevação do número de escândalos e demais tipos de corrupções havidas entre os clérigos em todo mundo;
- f. Aumento da secularização das populações mundiais, com ênfase acentuada na Europa;
- g. Busca por alternativas de satisfação da espiritualidade, sendo que novas opções surgem aceleradamente;

Movimento Carismático Católico

O Movimento Carismático Católico, também conhecido como Renovação Carismática Católica – RCC, nasceu nos E.U.A, nos anos de 1960, tendo chegado ao Brasil, na década de 1970. Suas bases estão centradas em uma dinâmica mais intensa das atividades espirituais da igreja, envolvendo os carismas espirituais. É a busca pelo batismo constante do Espírito Santo, o qual promoverá efeitos como as curas, o dom de línguas e o de profecias, em meio a liturgias mais intensas e fervorosas, com uma intensidade maior, também, nos louvores e nas celebrações.

O movimento surge com intenções bem claras, destinadas a revitalizar a atração e a retenção de fiéis, com foco em uma experiência religiosa mais fervorosa no que tange às emoções e à participação mais dinâmica. Com isto, também se esperava uma contenção nos índices de afastamento de fiéis. Outra

característica marcante na RCC, é a confrontação de ideias entre os mais conservadores e os mais liberais e modernos, em seus conceitos.

A RCC chega como uma resposta e até mesmo uma atitude da Igreja Católica, no sentido de reter com mais eficiência seus membros adeptos, indo de encontro ao explícito e comprometedor crescimento dos fiéis do mundo evangélico, pentecostal e neopentecostal.

4.2.3 Breve contextualização da igreja evangélica no Brasil

A igreja evangélica brasileira e/ou latino-americana, especialmente a representada pelas faces pentecostais ou de perfil carismático, tem experimentado, nas três últimas décadas, o maior crescimento numérico de sua história. Assiste-se, também, a uma notória popularização da figura do pastor nos dias atuais, pois, nunca tantas pessoas intitulando-se “pastores” - ainda que não tenham feito qualquer tipo de curso teológico - estiveram em tão grande evidência, ocupando, por exemplo, espaços em horário nobre no rádio e na TV.

Por outro lado, as igrejas chamadas históricas, que tradicionalmente prezam pela criteriosa formação teológica de seus líderes, experimentam uma inquietante estagnação ou arrefecimento, em termos numéricos, que ameaça comprometer, até mesmo, sua própria subsistência e futuro em território brasileiro.

O momento atual delineia a mais flagrante fragilidade teológica e doutrinária das igrejas denominadas evangélicas em suas práticas no nosso país. O que está acontecendo? Onde está o problema? Como entender e explicar esses fenômenos no mundo religioso? Buscaremos fundamentar quatro principais aspectos e algumas possíveis respostas a essas inquietantes indagações.

1º) O crescimento numérico como bênção divina

Vivemos numa sociedade capitalista em que, sob muitos aspectos, cifras são imediatamente identificadas como sinônimo de sucesso. No caso religioso, especificamente, no atual contexto brasileiro, a eficiência de um pastor também é cada vez mais medida quase que exclusivamente pela quantidade de membros

ou fiéis que consegue atrair para a sua mensagem ou igreja. Com isto, como que na disputa de um mercado, os líderes se vêm obrigados a fazer suas respectivas igrejas crescerem a qualquer custo, sob pena de serem enquadrados pelas próprias regras do campo como incapazes, sem “unção divina”, sem vocação, ou seja, inferiores em relação a outros que são bem sucedidos.

O depoimento do pastor da Igreja Universal do Reino de Deus, J. Cabral

Para a Igreja Universal do Reino de Deus, não é preciso estudar cinco anos de Teologia para falar do que o amor, a misericórdia e o poder de Jesus podem fazer na vida dos que O aceitam como Salvador. A IURD prega uma fé prática, ativa e dinâmica. Seus pastores são orientados a levar o povo a vivê-la, não buscando apenas sabedoria. Quem determina o chamado para a obra é o Espírito Santo, de acordo com o caráter, a fé e a disponibilidade do candidato (www.igrejauniversal.org.br Acesso em: 25 mar. 2005).

Essa atitude reflete preocupação com os números, com resultados imediatos e, estudar cinco anos, é muito tempo perdido em matéria de crescimento numérico.

2º) O servir no contexto eclesiológico

É cada vez mais gritante o anseio por títulos no atual contexto religioso brasileiro. Houve um tempo em que “pastor” representava muito, porém se tornou inferiorizado pelo de “bispo” e, agora, a nomenclatura “apóstolo” suplanta a todas as demais. Já é possível se identificar, inclusive, a atribuição de “arcanjo” ao líder de uma determinada denominação operante no país.

A grande maioria dos novos vocacionados chega aos Seminários de Teologia influenciada pelos modismos que grassam no mundo evangélico. Alguns se autodenominam “levitas”. Outros, dizem que estão ali porque são vocacionados a serem “apóstolos”. Ultimamente qualquer pessoa que canta ou toca algum instrumento na Igreja, se autodenomina “levita”. Esquecem que, na antiga aliança, os levitas não apenas cantavam e tocavam instrumentos no Templo, como também cuidavam da higiene e limpeza do altar dos sacrifícios (afinal muito sangue era derramado várias vezes por dia), além de constituírem até mesmo uma espécie de “força policial” para manter a ordem nas celebrações.

Porém, hoje em dia, para os “novos levitas” basta saber tocar três acordes e fazer algumas coreografias aeróbicas durante o louvor para se sentirem com autoridade até mesmo para mudar a ordem dos cultos. Outros há que se intitulam “apóstolos”. Dentro de alguns dias teremos também “anjos”, “arcanjos”, “querubins” e “serafins”. No dia em que inventarem o ministério de “semideus” já não precisaremos mais sequer da Bíblia (CALVANI, 2003, p.1).

Uma revista evangélica de circulação nacional, em publicação recente, trouxe a seguinte manchete de capa: “Evangélicos buscam celebridade: cada vez mais crentes correm atrás da fama”. A mesma reportagem, destacando a existência de fã-clubes organizados para reverenciar cantores evangélicos famosos, faz ainda as seguintes constatações: A busca pela celebridade, traço comum da nossa época, também motiva muitos evangélicos. (...) nunca se viu tanta gente procurando holofotes, criando fatos para chamar a atenção e investindo tempo e dinheiro na construção da própria imagem. Nessa época de falta de oportunidades e de consagração do superficial, é na notoriedade que muita gente tem encontrado o seu lugar ao sol. Afinal, o reconhecimento público costuma ser o passaporte para a satisfação do ego e, melhor ainda, da independência financeira (Revista Eclésia, 2004, p.38,39).

3º) A banalização da atividade pastoral

Nunca foi tão fácil exercer o ofício de pastor ou pastora no contexto brasileiro como o que se observa atualmente. Pessoas com pouquíssimo tempo de conversão à fé evangélica, ou ainda sem o mínimo preparo teológico ou até mesmo bíblico, se autointitulam pastores/as, alugam um salão para o início de suas pregações e logo passam a ter um grupo de seguidores. Pesquisa realizada recentemente em uma das capitais brasileiras – o que não difere muito do restante do país – foi publicada como reportagem jornalística que trazia a seguinte manchete: “com apenas R\$ 30,00 é possível abrir uma igreja em Curitiba” (Jornal Gazeta do Povo, 2004, p.4).

R. R. Soares: “Os melhores pastores não saem dos seminários. Pastor é semelhante a jogador de futebol: eles saem das escolinhas; eles surgem, aparecem. Depois só precisam ser lapidados. Com o passar dos anos, eles vão

ficar muito mais preparados do que jamais ficariam num seminário normal. Os grandes homens de Deus surgiram do nada, sem preparação” (Revista Eclésia, 2001, p. 30).

4º) Interações com o universo cultural do campo religioso

Edir Macedo: Perspicaz intérprete da cultura brasileira, orienta seus comandados a interagir com esse mundo encantado do campo religioso em que vão atuar: “Vocês não devem aparecer perante o público com aquela conversa mansa, parecendo um padre, como um coitadinho (...) as pessoas querem ver em vocês agressividade, bravura, o povo quer ser provocado, chamado para um desafio em que possa superar os seus próprios limites e instigado a enfrentar o demônio para vencê-lo (...)” (Revista Isto É, 1985, p.20).

Leonildo Campos – sociólogo: Salienta que na “dramaturgia, além do cenário e dos objetos, é fundamental a atuação do ator que com presença, voz, gestos e dramaticidade provoca atitudes, reações e mudanças no comportamento da plateia. (...) O pastor-ator, por meio de suas palavras e gestos, procura integrar todos os presentes no processo de exteriorização – interiorização coletiva da fé” (Campos, 1996, p.94).

4.2.4 Pentecostalismo

O Pentecostalismo é o segmento religioso que mais cresce no Brasil. Igrejas como a Assembleia de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus têm atraído multidões por meio de uma abordagem centrada na cura, prosperidade e participação comunitária (Mariano, 2004, p. 35). Essa expansão, associada à penetração em regiões periféricas e rurais, reforça o impacto social dessas igrejas. Tal expansão se caracteriza como de elevado significado, em um movimento mundial do início do Século XX.

No Brasil, o movimento chegou pela obra missionária de enviados da América do Norte, sendo que a igreja Congregação Cristão no Brasil, por exemplo, vem no ano de 1910 e a igreja Assembleia de Deus, no ano de 1911,

o que as faz pioneiras do movimento no Brasil. O avanço dessa obra se deu mais intensamente na Região Norte do Brasil.

De 1910 a 1950, o pentecostalismo se caracterizava, principalmente, pela grande ênfase em torno das curas miraculosas, do dom de falar em línguas e pela vida acentuadamente separada do mundo, por parte dos membros adeptos. Já de 1950 a 1980, vem o uso mais acentuado dos meios de comunicação como o rádio e a tv, bem como a chegada de movimentos como Igreja do Evangelho Quadrangular e a Igreja Pentecostal Brasil para Cristo. De 1980 em diante ascende e se expande vertiginosamente o movimento neopentecostal. É o nascedouro da Teologia da Prosperidade, das chamadas batalhas espirituais a serem travadas com os poderes das trevas, bem como a presença maior de líderes dessas igrejas na política. O uso das mídias de comunicação também ganha uma expansão significativa nessa época. Vem nessa onda a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus.

É assim que Mariano (2008) se refere ao fenômeno pentecostal havido nas denominações brasileiras:

No Pentecostalismo brasileiro, a tendência de concentração de poder eclesiástico, a gestão em moldes empresariais, a eficácia proselitista do evangelismo eletrônico, a formação acelerada de pastores, a militância religiosa dos leigos, a continuidade cultural com a religiosidade popular, a oferta sistemática de serviços mágico-religiosos. É por meio desses ritos, práticas e cultos, que exprimem as doutrinas ou, em sentido mais amplo, a teodiceia de salvação dessas igrejas, que os pastores pentecostais conferem novos significados religiosos ao desemprego, à pobreza, à doença, à briga conjugal, à depressão, à solidão, à infelicidade, ao sofrimento e aos infortúnios em geral. Por meio disso, procuram estimular clientes e virtuais adeptos a estabelecer compromissos duradouros com seu grupo religioso. As taxas de crescimento da Universal comprovam que ela vem conseguindo transformar parte considerável de sua clientela flutuante em membro efetivo. MARIANO, (2008, ps. 68 e 92).

O autor enfatiza que através desses rituais “mágicos”, tais denominações trabalham para atrair e reter um grande número de adeptos que venham firmar uma espécie de “termo de compromisso” com a denominação. Isto tem causado

um crescimento significativo no número de fiéis, robustecendo ainda mais a “marca” institucional.

4.2.5 Os “sem-religião”

A categoria dos “sem-religião” cresceu significativamente, de forma especial entre os jovens urbanos. Esse fenômeno é associado à busca por espiritualidade desvinculada de instituições religiosas tradicionais, assim como à influência do secularismo e da cultura digital (Pierucci, 2006, p. 212). Embora não necessariamente representem ateísmo, esses jovens muitas vezes exploram diferentes tradições religiosas em busca de significado pessoal.

Já em 2010, conforme Censo do IBGE, 8% da população do Brasil, se dizia sem-religião (cerca de 15 mi de habitantes). No começo dos anos de 1990, o percentual era de 4,8% e no início dos anos 2000, 7,5%.

O Censo de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) registrou que 8,0% da população brasileira se declarou sem-religião, o que representava mais de 15 milhões de pessoas. Esse número representou um aumento significativo em comparação com os censos anteriores (7,3% em 2000 e 5,0% em 1991). Hoje já se fala em 14,5% da população que se identifica como sem-religião (cerca de 23 milhões de pessoas).

Enquanto esse número só cresce, há uma movimentação, também significativa, conforme já expresso anteriormente, de redução no número de fiéis católicos e aumento dos adeptos das igrejas evangélicas. São atribuídas algumas causas específicas para esse aumento no número de pessoas sem-religião no Brasil e no mundo: materialismo e secularização; decepção oriunda das posturas nada éticas e até nada morais, da maioria das igrejas evangélicas e pentecostais; senso de autonomia das pessoas, com sua autossuficiência individualista; ampliação sensível do acesso das pessoas aos canais digitais de comunicação (informações chegando mais aceleradamente e mais volumosas a cada dia); avanço do domínio científico e dos pressupostos da “razão acima da fé”; juventude mais e mais envolvida com o mundo do entretenimento e das mídias; etc.

A elevação dos índices de brasileiros sem-religião é uma ocorrência de elevada complexidade, que tem sua gênese em dimensões como a social, a

cultural, a político-econômica e da própria pessoa, que tem sido profundamente afetada pelas turbulências de um mundo cada vez mais conturbado.

INDICAÇÃO DE VÍDEOS

DIVERSIDADE CULTURAL E RELIGIOSA

https://www.youtube.com/watch?v=Sj_piu16cUw

DIVERSIDADE CULTURAL E RELIGIOSA

<https://www.youtube.com/watch?v=T1V8dVKEwk8>

O QUE É DIVERSIDADE RELIGIOSA? DIVERSIDADE RELIGIOSA NO BRASIL
E SUA IMPORTÂNCIA

<https://www.youtube.com/watch?v=ljdEKD8bl-A>

LEITURAS COMPLEMENTARES

JÜRGEN HABERMAS: RELIGIÃO, DIVERSIDADE CULTURAL E
PUBLICIDADE

<https://www.scielo.br/j/nec/a/YF6DrfyP7D9prjRSfBBDHwn/?lang=pt&format=pdf>

RELIGIÃO, DIVERSIDADE E VALORES CULTURAIS: CONCEITOS TEÓRICOS
E A EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

https://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_silva.pdf

DIVERSIDADE RELIGIOSA

https://www.dhnet.org.br/dados/cursos/edh/redh/03/03_rosa2_diversidade_religiosa.pdf

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É altamente relevante que cada pessoa conheça os fundamentos da formação cultural de um povo, haja vista estar envolvida toda construção de

valores, artes, crenças, política, e até aspectos da economia, como as relações de consumo e trabalho, por exemplo. Assim, trata-se, essencialmente de se estar ciente, o máximo possível, sobre a criação e o aprimoramento da própria identidade, o que, por si só, já indica a importância de se conhecer bem a estruturação cultural em que se vive.

O estabelecimento de características próprias está relacionado à formação cultural, passando por elementos básicos como a culinária e os costumes no vestuário, por exemplo, e chegando a aspectos mais complexos como a língua e os dialetos, bem como aos sistemas de crenças e de governos, ou seja, a formação cultural está diretamente relacionada à organização desta ou daquela civilização como um todo, ressaltando que isto ocorre por séculos e até milênios da existência da mesma.

Assim, a cultura engloba características que dão a identidade quase que exclusiva daquele povo, trazendo ao cotidiano os valores e princípios, as normatizações e regulamentações, as simbologias gerais, a comunicação, as convicções e cosmovisões, chegando até mesmo aos aparatos tecnológicos criados e utilizados.

Dentro do escopo da formação cultural está a criação e a vivência das crenças religiosas, sendo que no Brasil, são centenas e centenas de expressões religiosas vigentes, que acabam por dar um certo sentido de condução da vida para a grande maioria da população (o Brasil é o país mais cristão do mundo). A Igreja Católica Apostólica Romana é o principal movimento cristão brasileiro, com o maior número de adeptos do mundo, sendo que nela, surgiu e ainda se mantém o movimento do carismatismo, que é um seguimento católico mais modernizado em termos ritualísticos. Na sequência dos movimentos religiosos brasileiros, vêm as denominações evangélicas, protestantes, pentecostais e neopentecostais.

Há ainda uma grande parte da população que se identifica como sem-religião, o que tem preocupado as lideranças religiosas, já que esse perfil se fortalece mais acentuadamente entre a juventude secularizada nesta contemporaneidade.

HORA DE REVISAR

O presente estudo revelou os fundamentos gerais da formação cultural de um povo, trazendo toda caracterização essencial quanto à construção cultural. Foi possível constatar que a construção e estruturação organizacional de um povo passa, necessariamente por elementos culturais, desde os mais básicos até os mais complexos, conforme salientado no tópico Considerações Finais. A própria expressão “diversidade cultural”, em si, já pressupõe a existência de múltiplos elementos constitutivos da cultura de um povo.

Nos conteúdos da presente Unidade 4, ficou evidenciado que as práticas cotidianas das pessoas que compõem determinada sociedade, em quaisquer dimensões da vida, vão se consolidando em tradições próprias, as quais sedimentam a cultura e são compartilhadas de geração para geração. Logo, pela capacidade criativa do ser humano eram e são criadas novas soluções, que são absorvidas pela sociedade e passam a compor sua base cultural. Exemplo: inovações ferramentais e tecnológicas, processos produtivos rurais, tratamentos de saúde, melhorias no transporte, fundamentações políticas, etc.

Elementos como Valores, Práticas gerais, Artes, Artesanato, Tradições religiosas, Estruturas familiares, Funções políticas e econômicas, Saberes e conhecimento científicos, Soluções tecnológicas, legislações e regras de conduta, Princípios morais, Princípios relacionais, Linguagens, Alimentação, Vestuário, Folclore, expressões culturais e festividades, Hábitos corriqueiros, entre outros, formam a identidade própria de cada povo.

A Unidade 4 apresentou ainda as condições peculiares do fator religiosidade em todo Brasil, desde o fim do Século XIX até a atualidade. Foram apresentados dados estatísticos que informam à população o surgimento e a expansão dos grupos religiosos no Brasil, no seguimento evangélico, pentecostal e neopentecostal, e ainda os números relacionados à fé católica apostólica romana, em termos de crescimento e/ou diminuição do número de adeptos.

Foi apresentado ainda o tema relativo à expansão significativa do pentecostalismo e do neopentecostalismo no Brasil, bem como a elevação preocupante do número dos sem-religião no país.

REFERÊNCIAS

CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. **Identidade e missão**: perspectiva anglicana. REB: revista eclesialística brasileira, Petrópolis, RJ, v. 63, n. 252, p. 851-868, out. 2003.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Religião e Globalização no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Loyola, 2018. 208 p.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002.

GODOY, Elenilton Vieira. **Um olhar sobre a cultura**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/g9PftWn8KMYfNPBs7TLfC8D/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06/05/2025.

GONÇALVES, José Roberto. **Catolicismo Carismático no Brasil: Uma Análise Histórica e Social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015. 312 p.

MARIANO, Ricardo. **Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos**. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf. Acesso em: 08/05/2025.

MARIANO, Ricardo. **Expansão Pentecostal e Impactos Sociais**. Campinas: Unicamp, 2004. 276 p.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Sem-Religião: A Nova Espiritualidade Brasileira**. São Paulo: EdUSP, 2006. 250 p.

SANTOS, Robson Ruitter M. **Cultura popular e educação: cidadania e identidade na educação básica**. Dissertação de mestrado. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/193/1/ROBSON%20RUITTER%20MEDONCA%20SANTOS.pdf>. Acesso em: 05/05/2025.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2009.



**Av. Barão de Gurguéia, 3333B - Vermelha
Teresina - Piauí**

f @maltafaculdade

 www.faculademalta**.edu.br**